



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE APECURU MIRIM
CURSO LETRAS LICENCIATURA LETRAS - PORTUGUÊS

TAMYRES GOULART DA LUZ

**ANÁLISE INTERTEXTUAL DOS CONTOS *A ESCRAVA*, DE MARIA FIRMINA, E
NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO:**
temática, estrutura e contexto sócio-histórico

Itapecuru Mirim
2024

TAMYRES GOULART DA LUZ

**ANÁLISE INTERTEXTUAL DOS CONTOS *A ESCRAVA*, DE MARIA FIRMINA, E
NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO:**
temática, estrutura e contexto sócio-histórico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Campus de Itapecuru Mirim, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas.

Orientador (a): Profa.^a Dra. Tania Lima dos Santos.

Itapecuru Mirim
2024

Luz, Tamyres Goulart da

Análise intertextual dos contos A escrava, de Maria Firmina, e Negrinha, de Monteiro Lobato: temática, estrutura e contexto sócio-histórico. / Tamyres Goulart da Luz. – Itapecuru Mirim, MA: UEMA, 2024.

Elaborado por José Marcelino Nascimento Veiga Júnior – CRB 13/320

Monografia (Graduação em Letras Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Campus Itapecuru Mirim, 2024.

Orientador: Profa. Dr. Tania Lima dos Santos.

57 f.

1. Literatura. 2. Intertextualidade. 3. Maria Firmina. 4. Monteiro Lobato. 5. Negro escravizado. I. Título.

Elaborado por José Marcelino Nascimento Veiga Júnior – CRB 13/320

TAMYRES GOULART DA LUZ

**ANÁLISE INTERTEXTUAL DOS CONTOS A *ES CRAVA*, DE MARIA FIRMINA, E
NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO:**
temática, estrutura e contexto sócio-histórico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Campus de Itapecuru Mirim, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas.

Orientador (a): Profa.^a Dra. Tania Lima dos Santos.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a: Tania Lima dos Santos (Orientadora)

2º Examinador(a)

3º Examinador(a)

A Deus, minha mãe, minhas irmãs, meu esposo e minha filha por todo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a Deus pelo término deste ciclo. Foi Ele que me sustentou ao longo desta jornada, em que tive momentos desafiadores, de ansiedade, dúvidas, desconstrução e ressignificação, agravados pelo contexto de uma pandemia e os desafios trazidos para a vida de todos, especialmente para nós, que esperávamos começar essa jornada diferente do que aconteceu.

À minha mãe Maria das Dores Goulart, que, apesar das dificuldades e da pouca escolaridade, conseguiu inculcar em mim e em minhas irmãs o valor do estudo e a consciência de que o caminho para a superação exigia a educação. Agradeço a Maria Laura Goulart dos Santos minha filha, guerreira que me inspirou a ser forte mesmo com as adversidades.

Gostaria de agradecer ao William Natanael de Jesus dos Santos, por ter-me apoiado emocionalmente em todos os momentos difíceis da graduação e também pelo convívio maravilhoso que tivemos ao longo da caminhada da faculdade. É uma honra estar ao lado de uma pessoa tão iluminada quanto ele, que também iluminou o meu caminho.

As minhas irmãs Tayane Goulart da Luz e Tércyla Goulart da Luz, que me incentivaram a terminar essa caminhada, que me ajudaram a chegar até aqui.

Gratidão à Tania Lima dos Santos, minha orientadora, que esteve presente em cada passo desta jornada, que me moldou a ser quem eu sou hoje, agradeço até mesmo pela pressão colocada em mim para que este trabalho tivesse êxito, minha eterna gratidão à senhora e a todos os professores.

Gostaria de agradecer aos meus amigos, que nunca duvidaram da minha capacidade e sempre me ajudaram naquilo que precisava, especialmente em momentos turbulentos e com obstáculos. Sou grata aos meus colegas de graduação, em especial a Vanessa D'avilla, Bruna Gabrielle, Emanuelle Vale, Yolle Emille e Fernanda Leticia pela amizade, parceria, trocas de ideias durante a faculdade de Letras.

Finalizo este processo com uma profunda gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. Sem essas pessoas não estaria

realizando um dos meus maiores sonhos hoje, de me tornar uma professora! A minha conquista também é de vocês, obrigada!

“Pessoas oprimidas não podem permanecer oprimidas para sempre. O anseio pela liberdade eventualmente se manifesta.”

Martin Luther King Jr.

RESUMO

Esta monografia tem intuito de investigar a intertextualidade dos contos *A escrava* (1887), de Maria Firmina, e *Negrinha* (1920), de Monteiro Lobato, considerando aspectos relacionados à temática, à estrutura, à autoria e à forma como o contexto sócio-histórico se manifesta na narrativa de contos. Inicialmente é abordado sobre o contexto em que cada autor viveu e o contexto de produção dos contos, também é abordada a relação entre contexto e literatura, as suas nuances. Por fim, são apresentadas as análises dos contos evidenciando seus aspectos distintos e semelhantes na narrativa e na temática, também é evidenciada a intertextualidade contextual entre ambos. A presente pesquisa é de natureza básica, com uma abordagem qualitativa, fundamentando-se em estudos teóricos de Candido (2011), Fiorin (2006), Bakhtin (2013), Culler (1999), Pesavento (2006), Bosi (2021), Moisés (2016), Lajolo (2019), Diogo, (2022), Costa (2018), Martins (2005), Montello (2018), Duarte (2018), Borges (2010) dentre outros.

Palavras-chaves: Literatura. Intertextualidade. Maria Firmina. Monteiro Lobato. negro escravizado.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo investigar la intertextualidad entre los cuentos *A escrava* (1887) de Maria Firmina y *Negrinha* (1920) de Monteiro Lobato, considerando aspectos relacionados con la temática, la estructura, la autoría y la forma en que la historia se manifiesta en la narrativa de los cuentos. Inicialmente, se aborda el contexto en el que vivieron cada uno de los autores y el contexto de producción de los cuentos. También se discute la relación entre el contexto y la literatura, así como sus matices. Finalmente, se presentan análisis de los cuentos, destacando sus aspectos distintos y las similitudes en la narrativa y en la temática, además de evidenciar la intertextualidad contextual entre ambos. Esta investigación es de naturaleza básica, con un enfoque cualitativo, y se fundamenta en estudios teóricos de Candido (2011), Fiorin (2006), Bakhtin (2013), Culler (1999), Pesavento (2006), Bosi (2021), Moisés (2016), Lajolo (2019), Diogo (2022), Costa (2018), Martins (2005), Montello (2018), Duarte (2018), Borges (2010), entre otros.

Palabras clave: Literatura. Intertextualidad. Maria Firmina. Monteiro Lobato. esclavitud negra.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2. <i>A ESCRAVA</i> – O CONTO E SUA AUTORA.....	13
2.1 O século XIX e o movimento romântico.....	13
2.2 Maria Firmina dos Reis – aspectos biográficos.....	14
2.2.1 Firmina e sua produção literária – o conto <i>A escrava</i>	17
3. <i>NEGRINHA</i> – O CONTO E SEU AUTOR.....	22
3.1 O século XX e o Pré-modernismo.....	22
3.2 Monteiro Lobato – aspectos biográficos	24
3.2.1 Lobato e sua produção literária – o conto <i>Negrinha</i>	26
4. A LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL - influências do contexto sócio-histórico na literatura	29
4.1 Entre o estético e o social - funções da literatura.....	29
4.2 O contexto sócio-histórico e sua representação na literatura.....	31
4.2.1 Relação Literatura e História – uma forma de apreensão do real.....	33
4.3 Vozes, papéis e valores sociais – a polifonia na literatura.....	34
5. ANÁLISE INTERTEXTUAL DOS CONTOS <i>A ESCRAVA</i> E <i>NEGRINHA</i>.....	36
5.1 Intertextualidades estruturais em <i>A escrava</i> e <i>Negrinha</i>.....	36
5.1.1 Um olhar sobre a estrutura narrativa de <i>A Escrava</i>	37
5.1.2 Um olhar sobre a estrutura narrativa de <i>Negrinha</i>	40
5.2 Intertextualidades temáticas em <i>A escrava</i> e <i>Negrinha</i>.....	44
5.3 Intertextualidades contextuais dos contos de Firmina e Lobato.....	47
5.3.1 <i>A escrava</i> e seu contexto histórico-social.....	47

5.3.2 <i>Negrinha</i> e seu contexto histórico-social.....	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Para compreender uma obra literária, é essencial refletir sobre os fatores socioculturais em que ela está inserida. A literatura, embora seja uma forma de arte, transcende o mero entretenimento, também funcionando como um espelho da realidade social e histórica. Portanto, analisar o contexto sociocultural não só enriquece a interpretação da obra, mas também revela como a literatura reflete e, muitas vezes, questiona a realidade.

Nesse sentido, foram selecionados nesta pesquisa os autores Maria Firmina dos Reis e Monteiro Lobato, para trazer uma reflexão crítica e suas respectivas visões perante a sociedade em que cada um viveu, e, particularmente, sobre seus posicionamentos em relação à escravidão. Leva-se em consideração que esse tema, também recorrente nos dois contos, era uma questão central debatida pela população daquele contexto, e que este, de certa forma, pode ser investigado ainda por meio de suas marcas nas narrativas produzidas por tais autores.

Esta monografia tem, portanto, o intuito de investigar a intertextualidade entre os contos *A escrava* (1887), de Maria Firmina, e *Negrinha* (1920), de Monteiro Lobato, considerando aspectos relacionados à temática, à estrutura, à autoria e à forma como a história se manifesta na narrativa de contos. De forma mais específica, busca-se levantar aspectos biográficos dos autores, caracterizar os elementos essenciais das duas narrativas e o contexto histórico de sua produção, analisando as possíveis marcas de intertextualidade dos contos, considerando seus aspectos temáticos, estruturais e contextuais.

Para uma compreensão mais direcionada da análise dos contos, pretende-se responder às seguintes perguntas norteadoras desta pesquisa: De que maneira o contexto histórico e social em que os autores viveram influenciou suas produções literárias? Como a voz autoral ou o alter ego dos autores se manifesta nos contos analisados, e até que ponto essa presença é evidente em ambas as obras? Para atingir seu objetivo, a condução desta pesquisa, de natureza básica e caráter qualitativo, é fundamentada pelo suporte teórico de estudiosos como: Candido (2011), Fiorin (2006), Bakhtin (2013), Pesavento (2006), Bosi (2021), Moisés (2016), Lajolo (2019), Diogo, (2022), dentre outros.

Este trabalho também é fruto de uma preocupação intelectual, pautada no interesse em estudar a questão da mulher e do negro na sociedade, levando em consideração o contexto de produção e a intertextualidade entre os contos selecionados e entre seus autores. Este trabalho é de suma importância, pois contribui para uma análise mais diversificada dos textos literários e da linha de pesquisa, abordando questões relevantes da atualidade, como a condição da mulher e do negro na sociedade.

O trabalho está organizado em cinco capítulos: a introdução, apresentando a temática, objetivos e estrutura da monografia; segundo, *A escrava* – o conto e sua autora, abordando a biografia de Maria Firmina dos Reis, o contexto de produção da obra e da autora; terceiro, *Negrinha* – o conto e seu autor”, abordando a biografia de Monteiro Lobato e também o contexto de produção do autor e da sua obra; quarto, “A literatura como representação social - influências do contexto sócio-histórico na literatura”, abordando as funções da literatura, o contexto sócio-histórico e sua representação na literatura, história como forma de representação do real, como também a polifonia na literatura; quinto, “Análise intertextual dos contos *A escrava* e *Negrinha*, abordando a intertextualidade estruturais em *A escrava* e *Negrinha* (temática e o contexto dos contos), a estrutura das narrativas, a intertextualidades temáticas entre ambos os contos e a intertextualidade contextuais dos contos de Firmina e Lobato. E por fim, o capítulo das considerações finais sobre a monografia.

2. A ESCRAVA – O CONTO E SUA AUTORA

Para entender melhor a história de vida de Maria Firmina e sua obra, é necessário conhecer o contexto em que viveu, as circunstâncias do século XIX, período em que a autora começou a escrever. Entre os principais acontecimentos desse período, podemos apontar a Independência do Brasil (1822) como fator que estimulou o anseio nacionalista nos artistas e proporcionou o surgimento no país do Romantismo. A princípio, esse movimento trouxe mudanças significativas em relação à forma como a sociedade estava estruturada, visto que, antes desse período, o país seguia os desejos da coroa, mas, com o advento do Romantismo, houve transformação. Conforme aponta Bosi (2021, p. 96), “O Brasil, egresso do puro colonialismo, mantém as colunas do poder agrário: o latifúndio, o escravismo, a economia de exportação. E segue a rota da monarquia conservadora após um breve surto de erupções republicanas.”

2.1 O século XIX e o movimento romântico

Essa escola literária surgiu no final do século XVIII na Europa, época da Revolução Francesa (1789), e marca o seu ápice no século XIX. Ele possui como base nos princípios de liberdade, nacionalismo e a exaltação da vida burguesa. Para Moisés (2012, p. 375), “(...) o Romantismo constitui profunda e vasta revolução cultural cujos efeitos não cessaram até os nossos dias”. No Brasil, o Romantismo foi um movimento artístico que tem como marcos iniciais, na poesia, a publicação da obra *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães (1836), e, na prosa, *O filho do pescador* (1943), de Teixeira e Sousa, e *A moreninha* (1944), de Joaquim Manuel de Macedo.

Durante essa ocasião houve um despertar nos artistas brasileiros, que trouxe o sentimento nacionalista, passando-se a buscar por uma autonomia brasileira. Sobre esse início do Romantismo no país, Candido menciona que:

Um elemento importante nos anos de 1820 e 1830 foi o desejo de autonomia literária, tornado mais vivo depois da Independência. Então, o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e, portanto, a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica. Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual (Candido, 2004, p. 18).

Dessa forma, o Romantismo marcou uma ruptura com o período anterior, trazendo novas perspectivas para o Brasil. Se antes não existia uma literatura verdadeiramente brasileira,

agora está passaria a buscar o seu eu e a representar suas próprias idealizações, seus próprios costumes, enfim, sua essência e identidade, sem estar nas sombras de Portugal. Extremamente idealizada e impregnada de emotividade, a literatura romântica apresentou uma série de características que acentuavam tais aspectos.

Pode-se destacar o exagero sentimental como uma de suas características marcantes, visto que os autores românticos frequentemente enfatizavam emoções intensas. Para expressar esse sentimento excessivo, valiam-se de adjetivação e pontuação excessivas, a exemplo do uso recorrente de exclamações, técnica comum na prosa romântica.

Desse modo, criavam uma atmosfera carregada de emoções e dramaticidade nos acontecimentos narrados, com destaque para a dualidade entre amor e sofrimento, e também na descrição de cenas da natureza, do ambiente, de personagens e sentimentos, buscando intensificar a expressão do mundo interior e das experiências, para enfatizar surpresa, admiração, terror, ou qualquer outra emoção forte que o autor desejasse destacar. Nesse ímpeto sobressaem nos seus textos longos trechos descritivos que se associam à característica romântica da digressão.

Ademais, vale ressaltar também os ideais libertários que perpassam a poesia e a prosa românticas, manifestando a valorização da liberdade individual, a crítica às instituições opressoras e o questionamento das convenções sociais. Escritores românticos frequentemente exploravam temas como a liberdade de expressão, a justiça social e a emancipação dos povos. Encontravam ainda na fuga da realidade uma forma de saída do personagem ou eu lírico da realidade sofrida e dissolúvel, para um lugar ou momento de segurança.

A prosa romântica desempenhou um papel fundamental na expressão literária durante o século XIX, propiciando narrativas ricas em emoção e drama, constantemente imersas em temas de amor, liberdade, mas dualmente desenvolvidos sob circunstâncias conflituosas e de sofrimento. Ao explorar as profundezas da alma humana, também refletia as mudanças da época, como os ares antiescravistas que tomavam corpo em algumas camadas sociais da época.

2.2 Maria Firmina dos Reis – aspectos biográficos

Nascida no ano da Independência do Brasil (1822), em São Luís, Maranhão, Maria Firmina dos Reis, morou por um tempo em São Luís, mudando para Guimarães por motivos financeiros e por ter sido aprovada em um concurso de sua cidade. Formou-se como professora em 1847, com mérito de ter sido a primeira aprovada em um concurso público no Maranhão. É considerada a primeira romancista negra do Brasil, conforme aponta Diogo (2022).

Na cidade de São José de Guimarães, em meio à família, conviveu com algumas pessoas que a influenciaram, como o seu primo Sotero dos Reis, jornalista, professor e escritor, e obteve inspiração e, até, ajuda. De acordo com Diogo (2022, p.16), “A pequena Maria Firmina dos Reis passou a infância encerrada na casa materna, entre as flores que sua avó cultivava e junto da irmã e da prima, as únicas amigas de infância (...) cursou apenas a escola primária”. Apesar dessa limitação, o fato de não terminar seus estudos, toma, por outro lado, sua trajetória mais inspiradora.

De acordo com Diogo (2022), Maria Firmina realizou um teste para ingressar na primeira classe de letras para mulheres na Vila de Guimarães, no dia 11 de agosto de 1847, tendo sido a única aprovada, Firmina estudou sozinho para se classificar em um concurso para professora, além disso, a autora começou a lecionar em Guimarães com 22 anos de idade. A admais solicitou a alteração da data de nascimento e provou que já tinha 25 anos. Após a aprovação em Firmina no concurso e a nomeação, a família ficou em festa.

Depois de sua aprovação nesse concurso, ela deixa claro seu posicionamento em relação à escravidão. Na ocasião de sua posse, recusa-se a desfilar em um palanque nas costas de escravos pelas ruas de São Luís, visto que era costume de época festejar os mais novos aprovados pelo concurso público: “não, não e não – disse já zangada: Negro não é animal para se andar montado nele! E foi a pé!”. Essa postura a faz ser uma mulher tão importante para sua época e para atualidade no que diz respeito à perspectiva antiescravista no Brasil, visto que, conforme aponta a estudiosa:

Na segunda metade do século XIX, Guimarães possuía um dos maiores números de cativos da província do Maranhão. Os colegas de Maria Firmina dos Reis no serviço público, por exemplo, eram todos proprietários de escravos. Em decorrência disso, Martiniano, seu tio, também comprou uma escrava de serviços domésticos para Leonor (...) (Diogo, 2022, p. 26).

É intrigante considerar que a maior concentração de cativos estava em Guimarães. Além disso, o fato de a mãe de Firmina possuir uma escrava para os afazeres domésticos contrasta com os ideais da própria Firmina. Um exemplo notável é sua reação ao saber que sua mãe desejava que ela fosse carregada por escravos durante uma cerimônia de posse. Conforme aponta Diogo (2022), a postura da mãe e da filha era distinta em relação à escravidão. Maria Firmina dos Reis sempre concebeu estratégias para intervir na sua realidade e, por conseguinte, aplicar as suas ideias nas suas práticas. Desse modo, o autor abaixo aborda esse dilema em relação à família de Firmina, como evidenciado na seguinte citação:

Mãe e filha adotavam posturas e posicionamentos diferentes com relação à escravidão. Maria Firmina dos Reis estava sempre arquitetando estratégias de intervenção na sua realidade, e, consequentemente, aplicava as suas concepções em suas práticas cotidianas. Assim, ela conseguiu alforriar as cativas de Leonor, mesmo

à sua revelia (caso parecido já havia acontecido no episódio do palanquim (...)). Diogo (2022, p. 30).

Desta forma, o caráter de Maria Firmina dos Reis é notável em sua “ousadia e teimosia”. (Duart *et al*, 2018, p. 88). Mesmo quando seus familiares possuíam opiniões divergentes, ela permaneceu firme em suas convicções e ações antiescravistas, inclusive, planejando intervenções para ajudar os escravos a conquistarem sua liberdade, demonstrando sua coragem e compromisso com a causa abolicionista (Diogo, 2022).

Apesar das severas restrições impostas pelos padrões sociais da época, ela não apenas lutou por seu próprio espaço, mas também pela liberdade dos segmentos oprimidos, incluindo mulheres, negros, índios e os economicamente desfavorecidos. Sua determinação estende-se à família: Firmina criou cerca de 15 filhos, todos os quais foram alfabetizados. Sua dedicação à educação e seus ideais republicanos são aspectos notáveis de sua trajetória, com isso a autora dedicou produções literárias para seus familiares, mostrando que eles tiveram participação relativa em suas obras (Diogo, 2022).

Seu caráter e postura diante da sociedade revelam Firmina como uma mulher à frente de seu tempo, com ideais fortes e progressistas, tendo lutado ativamente contra a escravidão, defendendo a emancipação dos cativos. Seu romance *Úrsula* é um exemplo marcante de sua postura abolicionista expressa por meio da literatura. Desse modo, Firmina desafiou também as normas de gênero da época, sendo uma das primeiras mulheres negras a publicar uma obra literária no país. Ela defendia a igualdade de gênero, a valorização das mulheres, da educação e da alfabetização.

Conforme aponta Diogo (2022), em 1880 Maria Firmina dos Reis criou a primeira escola mista do Maranhão, onde meninas e meninos poderiam estudar juntos o que causou muitos falatórios na época, na cidade de Guimarães, em um povoado chamado Maçaricó. Essa atitude causou grande polêmica, fazendo com que a obrigassem a fechar a escola mais de dois anos depois, ela não deixou que isso lhe entristecesse, sua reputação como docente era incontestável.

Além disso, ela colaborou com a intelectualidade e com a imprensa local, publicando com frequência em jornais maranhenses, como *A Imprensa*, *Pacotilha*, *Semana Maranhenses*, entre outros (Diogo, 2022). Muito de suas obras não editadas, entretanto foram perdidas ao longo dos anos. Após sua morte, seu filho adotivo, Leude Guimarães, tornou-se o guardião de seus manuscritos, mas infelizmente, os pertences de seu filho foram roubados, resultando na perda do que restava dos escritos da autora.

Maria Firmina dos Reis faleceu em Guimarães, em 1917, viveu seus últimos dias em condições de pobreza e cegueira. Sua trajetória, apesar das adversidades, deixou um legado significativo na literatura brasileira, todavia, na visão de Duarte *et al* (2018, p.16) “(...)dá pretexto a estudos e discursos, e conquista o seu pequeno espaço na história do romance brasileiro – com um nome, uma obra, e a glória de ter sido uma pioneira”. Sua produção engrandece a sua história e evidencia a importância de estudar sobre sua vida e obras, que, por sua vez, demonstra o contexto em que ela vivia, e a influência que exerceu sobre as pessoas ao seu redor e seus leitores.

Com base nas informações de Reis (2018, p. 9), Firmina “(...) é uma voz feminina de resistência, e, por isso, a leitura de sua obra contribui para que os leitores encontrem fontes de tensão social na literatura nacional em meados do século XIX.” Firmina destaca-se como uma figura feminina que desafia as normas sociais de sua época, através de sua literatura, oferecendo uma perspectiva crítica que reflete as lutas sociais e as desigualdades presentes no século mencionado.

A educação para mulheres era precária durante o século XIX, principalmente para as mulheres à margem da sociedade. Conforme Duarte, *te al*, (2018, p. 86): “A participação das mulheres no mundo da escrita, e principalmente escrita pública, era bastante reduzida no século XIX. A participação feminina (...) era rara, visto que as mulheres passaram muito tempo sem acesso à educação e à possibilidade de escrita”. Elas se expressavam por meio de artigos, crônicas e poemas, abordando temas revolucionários e defendendo causas importantes, no entanto, essa oportunidade de expressão literária era limitada, pois eram poucas as que realmente escreviam.

Nesse sentido, percebe-se o desempenho em sua vida acadêmica ou profissional que Firmina teve, fazendo um paralelo, naquela época, os homens desfrutavam de mais privilégios para estudar fora de casa, especialmente os brancos e ricos. Seguindo Montello (2018), é possível notar que, apesar de uma trajetória repleta de vitórias e certo reconhecimento, os últimos dias de Firmina não foram tão gloriosos como deveriam.

2.2.1 Firmina e sua produção literária – o conto *A escrava*

Essa escritora que por muito tempo teve sua produção à margem da crítica literária, no entanto foi a primeira escritora negra a usar a literatura como instrumento de denúncia contra a escravidão no Brasil, sendo atravessada por questões raciais e ainda de gênero. De acordo com Souza (2020), em meio às mudanças estruturais ocorridas no século XIX, sobretudo na

escravidão e na sociedade como um todo, Maria Firmina dos Reis adquiriu notório reconhecimento por suas produções, tanto na prosa quanto na poesia.

Maria Firmina dos Reis publicou diversas obras, entre as quais destacam-se: *Úrsula* (1859) romance de cunho abolicionista e sua obra mais conhecida; a novela indianista *Gupeva* (1861); a coletânea de poemas publicada junto com outros autores, intitulada *Parnaso maranhense* (1861), o livro de poesias *Cantos à beira-mar* (1871); o conto *A escrava* (1887); e, por fim, *Hinos da libertação dos escravos* (1888). Firmina deixou um legado importante na literatura brasileira, mesmo que sua obra tenha sido esquecida por algum tempo, pesquisas recentes têm reintegrado Maria Firmina dos Reis ao cânone literário do país.

Sua obra ganhou força aproximadamente uma década depois da publicação de *Úrsula* (1859), romance fundador da literatura afro-brasileira e primeiro livro de romance publicado por uma pessoa negra no Brasil (Muzart, 2013). Dessa forma, percebe-se que a autora como uma mulher visionária e de grande relevância para o país, por sua história e suas produções, mesmo sendo esquecida durante muito tempo pela sociedade literária.

Durante sua posse ao cargo de professora, o contexto em que Firmina vivia era complexo, visto que a uma mulher negra e pobre era quase impossível assumir um posto na literatura, mas graças a seu esforço, a sua docência, Firmina passou a publicar os seus primeiros escritos, ainda em folhetins e jornais literários locais, na cidade de Guimarães, lançou então seu primeiro livro de romance com o nome *Úrsula*, em 1859, assinando-o sob seu pseudônimo “Uma Maranhense”. Na época, os pseudônimos eram amplamente utilizados devido à forma como as mulheres eram percebidas pela sociedade. Sobre o olhar de (Diogo, 2022, p. 68):

Numa época em que o fazer literário encontrava-se vedado para as mulheres como atividade pública profissional ou semiprofissional, era comum escritoras publicarem sob pseudônimos: Ana Luísa de Azevedo Castro assinou com o pseudônimo “Índigena do Ipiranga” seu livro *D. Narcisa de Villar: legenda do tempo coloquial*, também publicado em 1859 (...)

Além desse, Firmina também utilizou o pseudônimo “Uma Brasileira”, conforme aponta Diogo (2022), que argumenta que o fato de Firmina ter usado esses e outros pseudônimos, pode ter feito com que a autora tivesse seu nome apagado durante muito tempo da historiografia, mas não da história.

Segundo Souza (2020), no século XIX, a mulher era associada a aspectos negativos, como nível de inteligência e habilidades inferiores aos do homem, o que se refletia também na escrita:

(...) exaltação da mulher enquanto rainha do lar, onde devia exercer com dignidade seu papel social de cuidadora do marido e da família e educadora das futuras gerações. Atribuía ao feminino as características relacionadas à questão emocional e ao masculino as características relacionadas à razão. As mulheres que não aceitavam ser

submissas ao sexo masculino eram consideradas anticristãs. A saída da mulher para o mercado de trabalho e a luta por igualdade de direitos era vista como um mau costume que representava uma gravíssima ameaça à manutenção da família e da ordem social (Abrantes 2015, p.172).

Com isso, percebe-se as dificuldades em relação ao meio em que as mulheres estavam inseridas, uma vez que na sociedade da época, havia uma construção social que retratava a mulher como a “rainha do lar”, caso a mulher não aceitasse tudo isso, ela estaria contra os ideais cristãs.

Também na ficção literária esse tipo de representação era predominante. Para Vargas e Wambier, (2016. p. 4) “As Mulheres Negras, em especial as mulatas, eram descritas na literatura como prostitutas, amantes, levianas e sem caráter. A escravidão, a propriedade, a liberdade e o paternalismo são o pano de fundo para essa produção literária do século XIX.” Durante esse século foram atribuídas aos negros características animais para descrevê-los, contribuindo para a desvalorização do negro e a valorização do branco.

No século XIX, houve um declínio gradual da escravidão no Brasil, culminando com a abolição oficial em 1888, cabendo aqui mencionar as leis construídas ao longo do período para a compreensão desse passado: a Lei Eusébio de Queirós em 1850, proibiu o tráfico de escravos, embora, na prática, os traficantes frequentemente burlavam as inspeções, o que limitou a eficácia da lei; posteriormente, a Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, garantindo liberdade aos filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir dessa data; a Lei dos Sexagenários em 1885, concedeu liberdade aos escravos com mais de 60 anos; e finalmente, a Lei Áurea, assinada em 1888, que aboliu definitivamente a escravidão no território brasileiro.

Dentre os escritos abolicionistas de Maria Firmina que sobreviveram ao passar dos séculos, além de *Úrsula*, pode-se destacar *A escrava*, conto publicado pela primeira vez na *Revista Maranhense* nº 3 (1887) além disso, contribui nos periódicos em seu segundo e terceiro número, às vésperas da oficialização da abolição da escravatura.

O conto *A Escrava* apresenta a história da escrava Joana e seus filhos. A trama se desenrola, primeiramente em um salão frequentado pela elite da sociedade. Durante uma discussão sobre questões servis, a personagem Senhora, que possui sentimentos abolicionistas, assume a palavra e se torna a primeira narradora da história de Joana, uma escrava fugitiva. A partir desse ponto, a narrativa se desenvolve conforme a citação abaixo:

Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

— Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso. (...) (Reis, 2018, p. 165).

Joana foi uma escrava liberta aos cinco anos de idade, após dois anos livres, foi reescravizada, e indignada, escapava constantemente. Após muitos anos de violência, a personagem enlouquece, principalmente, depois de perder seus dois filhos mais novos, Carlos e Urbano, que foram vendidos para o tráfico de escravos e levados para o Rio de Janeiro.

Durante sua derradeira tentativa de fuga, ao ser perseguida pelo algoz, uma bondosa senhora intervém e acolhe Joana e Gabriel em sua residência, proporcionando-lhes proteção e segurança. Ao chegar na casa da Senhora, esta questiona Gabriel sobre a sua mãe, que logo interrompe a conversa e, mesmo fraca e à beira da morte, insiste em falar. É a partir desse momento que a escrava começa a narrar suas vivências da escravidão e sua jornada pessoal, como mostra a citação abaixo:

— Gabriel! – disse ela – não. Eu mesma. Ainda posso falar. (...)
 — Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.
 Eram casados e, desse matrimônio, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente a minha pobre mãe, meu pai quase consumia seus dias ajudando-a nas suas desmedidas tarefas; mas ainda assim, redobrando o trabalho, conseguiu um fundo de reserva em meu benefício (Reis, 2018, p.172).

Joana, ao perder seus filhos, enlouquece, e nesse momento pode-se encontrar uma fuga da realidade, ou seja, a loucura foi uma saída para aquela situação, para aquele sofrimento, essa característica está presente no movimento do Romantismo (o exagero sentimental e a fuga da realidade). Após contar sobre suas vivências, Joana não resiste, a Senhora compra a liberdade de Gabriel, e, por fim, o conto se encerra com a cena do senhor Tavares resmungando por perceber que não poderia mais levar nem mesmo o filho de Joana como escravo.

Outras características do Romantismo aparecem ainda no conto *A Escrava*, como as digressões, associadas à descrição da natureza, como percebe-se no fragmento: “O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante” (Reis, 2018, p.167).

Ademais, também se nota o exagero sentimental, ou seja, o excesso de sentimento feito para chamar atenção do próprio leitor ou da sociedade: “Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos, com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, no lugar que a vi ocultar-se” Reis (2018, p.172).

Outro aspecto do período romântico fortemente presente no conto são os ideais libertários, principalmente a personagem Senhora, que desde o início manifesta o seu posicionamento da seguinte forma: “— Admira-me, – disse uma senhora de sentimentos

sinceramente abolicionistas; – faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove!” (Reis, 2018, p.164). Revelam-se aqui os princípios e ideais de liberdade dessa Senhora. Ainda conforme a citação anterior, podemos delimitar o tempo em que se desenvolve a narrativa, o século XIX, durante o período da escravidão. Além desta, podemos extrair do conto outras informações significativas, como os espaços principais em que a história se passa, um salão e, em seguida, a casa da Senhora.

Em relação aos personagens principais do conto, destacam-se: a protagonista Joana, que recebe os predicativos como “preguiçosa”, “doida fingida” e “moribunda”, desse modo, credenciando-a como culpada, por aqueles que a nomeiam; ademais, o personagem Antônio, feitor de Joana: “Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados” Reis (2018, p. 166). Além disso, há a Senhora, retratada como a personificação do bem, sua benevolência irradia através de cada ação, servindo como uma bússola moral dentro da história. Por outro lado, Tavares é retratado como enganador, tendo quebrado a confiança dos pais de Joana, seu caráter traiçoeiro é apropriadamente comparado ao de um “tigre”. Em resumo, essas descrições de personagens se entrelaçam para formar uma imagem vívida de seus respectivos papéis dentro da narrativa, cada um contribuindo para o desfecho da história.

3. NEGRINHA – O CONTO E SEU AUTOR

No início do século XX, o Brasil e o mundo estavam passando por uma fase de muitas mudanças. Em relação a esse período, Abrantes (2015, p. 33) aponta que “O final do século XIX foi um momento de importante transformação econômica, social e política no país, marcado pela crise final do sistema escravista, abolição da escravidão e transição do regime monárquico para o republicano”.

É nesse contexto histórico-social, de transição no país, em que se procurava expressar sua identidade como nação independente, rica em cultura, literatura e costumes, que se pode compreender a obra de José Bento Renato Monteiro Lobato. Esse autor viveu durante a virada do século XIX para o século XX, período em que, do ponto de vista literário, estava em vigor o Pré-modernismo.

3.1 O século XX e o Pré-modernismo

O Pré-modernismo é um período de transição entre o Simbolismo e o Modernismo, situado entre 1902-1922, durante o qual já podem ser observados vários aspectos que alcançarão relevo no Modernismo a partir da Semana de Arte Moderna. Na perspectiva de Bosi (2021, p.327), “(...) *se pode chamar de pré-modernista* (no sentido forte de premonição dos temas vividos em 22) *tudo o que, nas primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural*”. Compreende-se, dessa forma, que essa transição irá contar com os temas existentes durante 22, ou seja, relacionados ao cotidiano do povo e aos problemas da sociedade, de formas diversificadas, buscando representação da realidade em viviam.

Caberia ao romance de Lima Barreto e de Graça Aranha, ao largo ensaísmo social de Euclides, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manuel Bonfim, e à vivência brasileira de Monteiro Lobato o papel histórico de mover as águas estagnadas da *belle époque*, revelando, antes do modernismo, as tensões que sofria a vida nacional (Bosi, 2021, p. 327).

Nota-se, de acordo com Bosi (2021), que esses autores visavam enfatizar a existência de inúmeras inquietações em relação ao que acontecia na sociedade brasileira, o que os levou a investigar as mazelas da sociedade, a fim de revelar as tensões sofridas, denunciar problemas. Isso demonstra que os literatos mencionados por Alfredo Bosi tiveram um papel relevante nesse período.

As obras pré-modernistas recuperaram e delimitaram algumas características dos movimentos da época, definindo o que posteriormente seria denominado Modernismo. Dessa

forma, o que se compreende por Pré-modernismo é a reunião de diversas produções que mesclam tendências literárias distintas da época. Em relação a essas características, não há uma homogeneidade entre as produções desse período, podendo ou não aparecerem em seus escritos.

Entre elas ressalta-se o nacionalismo crítico, caracterizado pela abordagem crítica da desigualdade social, que destaca um Brasil com diversas mazelas, também houve uma evolução na linguagem literária, o que resultou na ampliação do vocabulário nas obras, incorporando-se regionalismos, expressões populares, neologismos e gírias, ou seja, a linguagem informal e direta, próxima da oralidade, aproximando-se do dia a dia dos leitores, é uma das características marcantes do Pré-modernismo.

Em relação as características pré-modernistas, podemos destacar as seguintes: a abordagem da realidade em suas produções, ou seja, os escritores se concentravam em temas do dia a dia do brasileiro, o que resultava em obras de cunho social, evidenciando a desigualdade e os desafios enfrentados pelos grupos marginalizados, como os negros e as mulheres, outra característica é a marginalização das personagens na prosa, sendo uma representação das pessoas excluídas e oprimidas, que enfrentavam a desigualdade social, econômica ou culturais, e suas histórias revelam as injustiças e os desafios que enfrentam.

Fica claro, que o Pré-modernismo possui produções extremamente nacionalistas, que relatam acontecimentos históricos, abordando situações políticas, econômicas ou sociais. As obras desse período tinham um caráter social, explorando temas relacionados à população e à realidade do país. Embora o Realismo e o Naturalismo também se interessassem pela realidade, o eixo do Pré-Modernismo era mais específico e voltado para a vida cotidiana dos brasileiros.

Durante as décadas de 1920 e 1930, o Brasil estava passando por mudanças sociais e políticas, entre elas ressaltam-se a Revolução de 1930, marco importante que encerrou a República Velha e inaugurou a Era Vargas; como também, a Revolta Paulista de 1924, movimento militar em São Paulo contra o governo federal; e por fim, o Tenentismo, que resultou em oficiais jovens, que lideraram movimentos contra a Oligarquia e a corrupção política.

A respeito do período do fim da escravidão em 13 de maio de 1888, Martins (2005, p.18) aponta que “a cadência da sociedade escravista não foi, exatamente, como alguns consideravam, o fim de um grande apogeu vivo ou marco de uma prolongada letargia para a cidade, mas o início de novas possibilidades”. Dessa forma, verifica-se que a libertação dos escravos, embora um marco histórico, trouxe consigo uma série de transformações sociais e econômicas, como por exemplo: os desafios da inclusão social, pois a abolição resolveu o

problema da escravidão, mas não garantiu a inclusão social dos negros à sociedade como também a discriminação e tratamento diferenciado, pois a cor da pele continuava a carregar as marcas de séculos de submissão e tortura, em seguida houve a chegada de imigrantes europeus e asiáticos como forma de substituir a mão de obra escrava nas lavouras.

Ao observarmos esse contexto, criou-se uma massa de desempregados, pois os ex-escravos não possuíam educação e oportunidade, não tiveram qualquer direito a sua introdução na sociedade, fazendo com que enfrentassem dificuldade para entrar no mercado de trabalho, além disso, eles enfrentaram o preconceito e a falta de acesso à educação e condições precárias de vida, causando também as desigualdades sociais, mais ou menos três séculos de escravidão naturalizaram socialmente essa condição.

3.2 Monteiro Lobato – aspectos biográficos

Lajolo e Schwarcz escreveram *Reinações de Monteiro Lobato: Uma biografia* (2019), onde as autoras dão, ficcionalmente, voz ao próprio Lobato jovem e adulto para narrar toda a sua trajetória: “Nasci faz um tempão: em 1882! Tive duas irmãs mais novas: a Judith e a Esther. A Esther todo mundo chamava de Teca. Naquele tempo, a gente nascia em casa. Eu, por exemplo, nasci na casa de meu avô, em TAUBATÉ.” (Lajolo e Schwarcz, 2019, p. 9). Era um período em que o país era governado por d. Pedro II e, como já foi mencionado no Brasil, ainda existiam escravos.

A partir dessa informação, podemos explorar ainda mais o Brasil no período em que Monteiro Lobato viveu e como suas experiências influenciaram sua escrita e visão de mundo. O autor, durante sua juventude, não se considerava muito inteligente, sentia que era “só regular”, no entanto, já demonstrava sua força como escritor.

Monteiro Lobato passou boa parte da sua juventude em contato com pessoas do campo entre animais, conforme aponta Nascimento (2018), outrossim viajou para São Paulo com o objetivo de estudar, porém, foi reprovado e, logo em seguida, retornou à sua cidade natal. Em 1900, retornou a São Paulo e ingressou na faculdade de Direito. Nesse período, começou a escrever em periódicos menores, usando pseudônimos.

Em um período em que a publicação de livros brasileiros ocorria principalmente em Paris ou Lisboa, Monteiro Lobato assumiu o papel de editor, passando a publicar livros também no Brasil. Essa mudança permitiu que ele introduzisse diversas inovações nos materiais didáticos e infantis.

Ele dedicou-se à literatura e, também exerceu as profissões de tradutor, empresário e jornalista, fez faculdade de Direito, mas não exerceu a profissão. Herdou a fazenda de seu avô e, logo depois, vendeu-a para comprar a Revista do Brasil. Foi um crítico fervoroso do movimento Modernista, como é demonstrado pela passagem a seguir, em relação a obra de Anita Malfatti:

Em 20 de dezembro de 1917, Lobato publicou no jornal O Estado de São Paulo, o famigerado artigo *Paranóia ou Mistificação?* em que questiona os quadros de Anita Malfatti – crítica que lhe custou a ruptura com os líderes do movimento modernista (Babiretzki, 2022. p.38).

Dessa forma, após essa censura, acaba deixando o movimento e focando apenas no Pré-modernista, justamente por reprovar constantemente os autores desse movimento, do qual, até então, fazia parte. Lobato não quis criticar Anita Malfatti, mas sim ridicularizar o seu trabalho, a sua arte, que era influenciada pelas Vanguardas Europeias.

Monteiro Lobato realizou diversas viagens pelo Brasil e pelo exterior durante a ditadura militar (regime ditatorial de Getúlio Vargas). Sua prisão foi decretada em 1941, onde ficou preso por quase três meses, por uma motivação política, uma vez que criticou Vargas e o Estado Novo através de uma carta que enviou com denúncias ao presidente e chefe do Estado Maior do Exército. A autora Zilberman ratifica essa informação e comenta sobre esse momento:

Data do mesmo ano das Memórias da Emília o lançamento de outro dos livros polêmicos de Monteiro Lobato: *O escândalo do petróleo*, obra que confere visibilidade pública à sua campanha em prol da exploração do cobiçado ouro negro em solo brasileiro. No ano seguinte, o assunto migra para a literatura infantil, fazendo de *O poço do Visconde* o livro mais programático de seu autor. (...) Getúlio Vargas não escutou o apelo de Lobato, acabando por fazê-lo vítima da Lei de Segurança Nacional, o que o levou à prisão em 1941(...) (Zilberman, 2019, p. 149).

Monteiro Lobato enfrentou críticas por suas representações estereotipadas de personagens, especialmente no caso do Jeca Tatu, apresentado como "preguiçoso" e "vagabundo", como um caipira inferior e inapto, inclusive Lajolo aponta que a sua produção, seus personagens e seus ideais foram motivo de discussões perante a sociedade:

(...) a figura do caipira acorrido desagradou certas vertentes nacionalistas; a férrea oposição lobatiana a regimes ditatoriais desagradou os políticos no poder; suas campanhas pela exploração do petróleo e de novos métodos de siderurgia contrariaram inúmeros interesses; seu desacordo com certas posturas estéticas atraíram críticas acerbas e, mais recentemente, a representação do negro em sua obra tem gerado muitas polêmicas (Lajolo, 2014, p. 8).

Contudo, é relevante salientar que, ao longo de sua vida, Lobato alterou sua opinião diversas vezes, como, por exemplo, ao rever a sua perspectiva sobre o Jeca. Segundo Lajolo (2014), a partir do momento em que Lobato começou a compreender o contexto da saúde pública brasileira, sua perspectiva sofreu alterações. Assim, Lobato inovou ao romper com estereótipos, como em sua obra do Jeca-Tatu, e ao renovar a linguagem, trazendo um

vocabulário mais regionalista, acreditando que a literatura deveria promover valores brasileiros, por meio dos personagens, do ambiente ou mesmo pela fala do dia a dia retratados.

No que diz respeito a outras polêmicas envolvendo a sua produção literária, uma lhe rendeu uma ação judicial, o livro *Caçadas de Pedrinho* acusado de conter conteúdo racista. Conforme aponta Brasil (2014), houve uma discussão sobre seu uso nas redes públicas. Após o episódio, o Conselho Nacional de Educação solicitou a inclusão de uma nota de rodapé para orientar os professores a trabalharem o livro de uma maneira mais adequada, Brasil (2014). De acordo com Marisa Lajolo (2012), ela contesta a informação e afirma que não há racismo nas obras de Lobato, também menciona que sua produção literária não transmite ideias preconceituosas.

No que se refere às polêmicas em torno de Monteiro Lobato, estão intimamente ligadas ao contexto histórico do Brasil no século XX. Suas opiniões, representações e escolhas artísticas refletem as tensões e mudanças da época. Lajolo e Bignotto (2022, p. 133) mencionam que “À pluralidade de interesses inscritos na produção lobatiana, soma-se um intenso – e muitas vezes polêmico – exercício de cidadania que o fazia pronunciar-se a propósito de todas as questões candentes de seu tempo.”

3.2.1 Lobato e sua produção literária – o conto *Negrinha*

Em relação à sua obra literária, Monteiro Lobato marcou a história da literatura brasileira e mundial com suas histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo, é uma série de livros infantis do escritor brasileiro, que foi publicado pela primeira vez, entre os anos de 1920 e 1947, entre principais narrativas estão: *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *Memórias de Emília* (1935). Aliás, ele também têm obras adultas, como: *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919), *Ideias de Jeca Tatu* (1919), *Negrinha* (1920); *O macaco que se fez homem* (1923); *Mundo da lua* (1923); *O presidente negro* (1926); *Mr. Slang e o Brasil* (1927); *Na antevéspera* (1933); *O escândalo do petróleo* (1936); *A barca de Gleyre* (1944).

Ao analisarmos as obras adultas de Monteiro Lobato, como *Jeca Tatu* (1919), notamos que elas têm características marcantes do Pré-Modernismo. Entre essas características estão o realismo social, a presença de personagens caipiras, a crítica sociopolítica, o nacionalismo, traços naturalistas, o determinismo e uma linguagem objetiva.

Para Nascimento (2018. p.12), “Os seus livros para crianças, mas principalmente para adultos, os de ficção e os de não ficção, passaram por muitos temas e gêneros que eram importantes no momento em que cada livro seu foi publicado.” A análise de sua bibliografia

oferece uma perspectiva panorâmica do contexto em que se desenvolveu a história do país na primeira metade do século XX, abrangendo as mudanças que ocorreram em todo o país.

Monteiro Lobato via a literatura como uma forma de reforçar o sentimento de brasilidade. Naquele período, a maioria dos brasileiros ainda residia no campo e as diferenças entre o meio rural e o urbano eram bastante perceptíveis. O autor representou essa realidade do Brasil distinto, sendo possível inferir que sua literatura é o olhar que o autor tem sobre a realidade, o que pode ser uma fonte ou forma de compreender o contexto de produção, ou seja, a sociedade de sua época, mostrando que o imaginário e o real, estão lado a lado. Por fim, é possível dizer que seus ideais estão evidentes em suas narrativas. Uma boa ilustração dessa relação entre o real e o imaginário na obra de Monteiro Lobato é a personagem Emília, do Sítio do Pica Pau Amarelo, criada a partir de uma inspiração. A verdadeira Emília era uma amiga de infância, o que demonstra suas vivências influenciam os escritos de Lobato, como foi relatado em uma reportagem de Gamberini para o Globo Repórter (2011).

De acordo com Bosi (2021), a obra de Lobato possui características pré-modernistas, retratando os interioranos, tendo relevância o satírico, piadas e efeitos muito sentimentais, ou seja, chegando a ser patético. O autor Monteiro Lobato também dedica especial atenção à caracterização de seus personagens, como evidencia-se no conto *Negrinha*. Dessa forma, “*Negrinha*, que toma o título do conto inicial, é um livro heterogêneo onde reponta com maior insistência o documento social acompanhado do costumeiro sentimento polêmico e de vontade de doutrinar e reformar” (Bosi, 2021, p. 230). Assim, pode-se dizer que o autor realiza uma análise concisa do livro que inclui o conto.

Negrinha é composto por dezessete contos, os personagens da narrativa são Negrinha, Dona Inácia e suas sobrinhas. Seu narrador é observador e o tempo em que a história se desenrola é o passado imediatamente após a abolição da escravidão, como podemos observar abaixo:

Vinha da escravidão, fora senhora de escravos e daquelas ferozes, amigas de ouvir contar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao régimen novo — essa indecência de negro igual a branco; e qualquer coisinha, a polícia!! “Qualquer coisinha”; uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho, porque disse: — “Como é ruim, a sinhá!”.... O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava, pois, Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Simples derivativo (Lobato, 2014, p. 308).

A história se passa na residência de dona Inácia, onde Negrinha sofria constantes castigos. Apesar de ser vista pela sociedade como um exemplo de mulher religiosa e caridosa, em casa ela demonstrava uma personalidade distinta, abusando da “filha” e impondo-lhe os piores castigos físicos. Assim, Negrinha raramente vivenciava momentos de felicidade.

A personagem Negrinha vive após a abolição, como já foi citado, e sofre com o contexto desse período, representado no conto: os maus-tratos, a falta de oportunidade e assim por diante. Negrinha desempenha esse papel e também será um exemplo de uma personalidade marginalizada. O que remete a uma temática social característica do Pré-modernismo, a escravidão, pois dentro dos problemas sociais do momento Lobato focaliza personagens que sofrem uma marginalização, evidenciando de, forma simbólica, a posição em que Negrinha se encontra na casa de dona Inácia: “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças” (Lobato, 2014, p.307).

O conto *Negrinha*, por muito tempo, causou polêmica sob acusação de ser uma obra racista, mas pode ser tomada como um pretexto para um debate relevante para a sala de aula e para todos os leitores. É notório que Negrinha teve sua identidade social negada, uma vez que a menina, cuja cor não é definida, carregava consigo apelidos cruéis:

Lobato, nessa obra, buscou desbravar sua própria crítica a uma sociedade calada que não podia se manifestar, onde a população de escravos no Brasil era avassaladora, considerando também, que os mesmos não poderiam ser vistos como seres humanos no meio social, mas, como “coisas” que aturavam incansavelmente o trabalho de extrema exigência corporal e sem retorno necessário para tamanho esforço (Júnior; Silva, 2016, p.46).

O conto *Negrinha* apresenta características desse período de mudanças do Pré-modernismo, como o realismo, o que elucidando a visão de mundo de Lobato, dessa forma podemos exemplificar esse realismo (em que muitos escravos tinham, de fato, seus corpos marcados pela escravidão) com a seguinte passagem:

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça (Lobato, 2014, p.308).

Essa representação da realidade de forma verossímil, o que é, de fato, o que a maioria dos escritores desse período de transição almejava através da exposição da realidade. E por fim, a linguagem coloquial e simples, sendo mais uma característica Pré-modernista, tornando o texto mais fácil de ser compreendido, permite que mais pessoas tenham acesso, como é o caso da passagem abaixo, onde se pode observar essa linguagem do dia a dia: “Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças” (Lobato, 2014, p. 307).

4. A LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO SOCIAL - influências do contexto sócio-histórico na literatura

A discussão sobre a função da literatura remonta a épocas passadas, e Horácio, poeta romano do século I a.C., já abordava essa questão, falava que a literatura era doce e útil, doce pois, proporciona prazer pela habilidade com que articula os elementos da imaginação e útil porque, a literatura promove a reflexão e a libertação. A literatura, enquanto arte, pode proporcionar momentos de prazer, entretenimento e emoção aos seus leitores. Mas pode também representar ideias, valores e fatos da sociedade, refletindo o contexto em que foi criada. Dessa forma, a literatura desempenha um papel multifacetado, conectando-se tanto no campo estético quanto no social, permitindo uma compreensão mais aprofundada da condição humana e do mundo ao nosso redor.

4.1 Entre o estético e o social - funções da literatura

Desde os tempos de Horácio, filósofos e críticos debatem sobre a função da arte e da literatura. A conclusão mais sensata é que a literatura é, ao mesmo tempo, *doce e útil* para seus usuários, na antiguidade o próprio Horácio fala sobre isso. *Doce* porque proporciona prazer pela habilidade com que articula os elementos da imaginação, através das palavras somos transportados para mundos fictícios, vivenciando experiências emocionantes e cativantes, exemplo disto é um poema lírico que nos emociona ou um romance que nos envolve com sua narrativa apaixonante. E, *útil* porque a literatura promove a reflexão e a libertação, uma boa produção literária nos faz questionar, pensar sobre a vida, a sociedade e a condição humana. Ela nos liberta das limitações do nosso próprio mundo e nos permite ver além do óbvio, refletir sobre questões políticas ou sociais, ou lutar por mudanças.

Então, a literatura é uma arte multifacetada, capaz de nos encantar e nos transformar. Segundo D'Onofrio (1995), a literatura desempenha outras funções: *estética* pois, proporciona prazer estético e emocional; *cognitiva* visto que amplia nosso conhecimento e compreensão; *social*, uma vez que reflete e critica a sociedade; e por fim, terapêutica já que, pode ser uma forma de catarse e autoconhecimento.

Desse modo, ao transcender sua função estética, de proporcionar prazer e catarse por meio da sensibilidade, a literatura assume um papel crucial na formação do indivíduo. Ela oferece a dose necessária de ficção e lirismo, permitindo-nos explorar realidades alternativas e mergulhar em experiências imaginárias. Além disso, a capacidade narrativa da literatura nos

permite representar o mundo de forma verossímil, ampliando nossa compreensão da vida e da condição humana.

Samuel (2011), relaciona o meio em que o escritor vive e a função da literatura como demonstra abaixo:

A literatura representa a “vida” social, além da vida subjetiva (que também é social). O próprio poeta é um membro da sociedade, “possui uma condição social específica”, recebe um certo grau de consideração e recompensa, dirige-se a um público, por hipotético que seja. A literatura tem uma função social (ou “utilidade”), que não é individual (Samuel, 2011, p. 78).

A função da literatura é demonstrar a realidade, provocar sentimentos, função de entreter, causar prazer, trazer o belo e reflexões no leitor, como também aumenta o conhecimento de mundo, também é uma ferramenta de comunicação e interação social, o que dissemina o conhecimento e a cultura como já foi mencionado, a literatura pode educar, como também denunciar as injustiças, influencia o pensamento crítico.

Antônio Candido (2011), ao falar sobre a função da Literatura, organizou em três faces, como menciona o fragmento abaixo:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório, mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (Candido. 2011, p. 178).

Conforme a citação, as 3 faces não são funções da literatura, mas são as faces da literatura, de sua natureza da literatura. Evidenciando o caráter ou função social da literatura, as duas últimas são marcantes, pois demonstram que os artistas se expressam por meio dela, expondo os seus sentimentos e sua concepção de mundo, seja de maneira consciente ou não. Candido (1995) enfatiza o papel da literatura e a reconhece como “um poderoso instrumento de educação”, uma ferramenta significativa, sendo reconhecida por sua capacidade de moldar e enriquecer a mente humana.

Verifica-se dessa forma, que a literatura não se centraliza apenas nos textos ou apenas do imaginário dos indivíduos, mas que vai muito além disso, será também um meio de contradições e dualidades, através das obras literárias temos a oportunidade de conhecer a sociedade por meio dos escritos, não apenas o povo mais um conjunto de informações de séculos atrás, por isso, é indispensáveis, realçando sua importância, a literatura, portanto, é um espaço de reflexão e entre outras nuances.

4.2 O contexto sócio-histórico e sua representação na literatura

Para Candido (2011), a literatura é uma necessidade universal e, consequentemente, é um direito de todos, desempenhando, assim, um papel fundamental na vida da sociedade que perpassa os limites culturais e sociais. Ele expandiu o conceito de literatura, a literatura exercendo dessa forma, grande relevância em meio a sociedade, moldando-a, transformando-a, sendo tão significativo quanto os elementos básicos para sobreviver.

A literatura como representação social de sua época passa a ganhar significado quando encontra os olhos do leitor, pois a partir de então outras interpretações ganham formas e passam a compor seu imaginário. É por intermédio da leitura que o escritor e o leitor se encontram. A leitura é a fronteira que une tempos diferentes e realidades distantes (Souza, 2022, p. 219).

Dessa forma, a literatura e o contexto que representa estão entrelaçados, tornando necessário conhecer a literatura por refletir a identidade cultural e a história de uma região ou país. Para exemplificar a Literatura como representação social, vale destacar as obras como *Os Lusíadas* (1472), de Camões, poema épico que exalta a força e a coragem do povo Lusitano, relatando a história da viagem de Vasco da Gama, e é uma das produções mais importantes da literatura portuguesa; como também as obras *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, que retrata a vida nos cortiços do Rio de Janeiro no século XIX, fazendo uma denúncia às péssimas condições de moradia e exploração do trabalho; assim como em *Memória Póstuma de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, uma crítica à sociedade de sua época, assim como tantas outras obras literárias que trazem consigo a história, a realidade, de certa forma, uma verossimilhança com o real.

Para Collier (1999, p. 108), “A literatura sempre se preocupou com questões de identidade e as obras literárias esboçam respostas, implícita ou explicitamente, para essas questões”. Nesse sentido, as questões do cotidiano, seja para criticar ou expor a realidade, é algo que sempre poderão estar representado nas obras.

Segundo Coutinho (2008, p.85) “A literatura surge sempre onde há um povo que vive e sente”, com isso a literatura é uma expressão intrínseca da existência, um fragmento integral da vida humana. Não se concebe, nessa perspectiva, uma discrepância entre a experiência vivida e a arte literária, uma vez que esta se conecta com a realidade, sendo verdades que ressoam em todas as culturas e épocas, refletindo a essência da condição humana.

Ainda de acordo com Coutinho (2008), a literatura é a expressão da alma brasileira, conectando-se à realidade histórica, social, psicológica e humana que caracteriza nossa civilização. O período a que o autor está se referindo é o colonial, desde a vinda dos

portugueses, nessa época a literatura foi vista como meio de expressar a cultura, a sociedade, o meio, a essência do povo brasileiro, assim como também deve ser vista na atualidade, como forma de demonstrar inúmeras faces do mundo

Candido (2006), enfatiza a relevância de se considerar o contexto social, o meio em que a obra foi produzida ou o meio em que o autor estar inserido. Dessa forma, será possível analisar as obras literárias, como também é necessário conhecer para quem se escreve. Além de tudo, a literatura serve como ferramenta para redescobrir vários lugares, pessoas, culturas que as pessoas nem imaginava existir, curiosidades e assim por diante.

Ainda conforme Candido (2006, p. 34), promove indagações a respeito da produção literária “Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo”. Dessa forma, Candido coloca em evidencia o contexto em que determinada obra será produzida, a motivação para aquele texto ser escrito e qual impacto terá dentro da sociedade, se vai ou não ser produtivo para comunidade. Para esse estudioso:

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável (Candido, 2006, p. 47).

Dessa forma, a obra não vive apenas no isolamento do autor, mas também na interação com seu público e na contribuição para o enriquecimento cultural e social. A relação entre autor, obra e público é complexa e envolve equilibrar os interesses individuais do autor com o bem-estar cultural e social

E, por fim, Candido (2006) afirma que o todo depende da relação das três partes: autor-obra-público, sendo assim, “(...) se a obra é fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando na verdade ela surge na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas” (Candido, 2006, 35). Desse modo, essa junção entre ambas é o que vai fazer com que a literatura seja relevante para a sociedade e que apenas um (autor-obra-público) não tem a mesma força juntos.

A respeito da configuração da obra, Candido (2006) menciona que vai depender principalmente do próprio autor e das circunstâncias sociais, ou seja, o processo criativo começa com o artista, por suas experiências, visões de mundo, emoções e habilidades que constroem a obra.

Embora o dito pela Literatura não seja, em muitos casos, o que foi dado pelos fatos reais, pode indicar pistas do acontecido, do não dito pela História; como

representação, permite desvelar comportamentos omitidos, fazer falar sujeitos silenciados, indicar outras fontes que possam conduzir o trabalho do historiador para uma visão mais complexa e holística dos acontecimentos (Nunes, Fialho e Machado, 2016, p. 797).

Para os autores acima, a literatura, embora nem sempre represente os eventos conforme ocorreram na realidade, oferece indícios e perspectivas sobre o que aconteceu, revelando aspectos que a própria História pode ter deixado de lado. Como uma forma de representação, ela tem o poder de expor comportamentos que foram ignorados, inclusive dando voz aos que foram silenciados, e sugerir novas fontes de informação. Isso pode auxiliar historiadores e outros analistas a alcançarem uma compreensão mais abrangente e multifacetada dos eventos históricos.

4.2.1 Relação Literatura e História – uma forma de apreensão do real

A relação entre Literatura e História vem sendo discutida há longo tempo, por profissionais das duas áreas. Do ponto de vista da literatura, esta pode trazer determinadas informações que fazem parte da História, e ainda que explorem a imaginação e a ficção, enriquecem nossa compreensão do mundo e da condição humana.

Segundo Gonçalves Filho (2000), a presença de elementos históricos, biográficos e literários em uma obra literária não é mero acaso, mas sim parte do entrelaçamento de fatores artísticos e culturais. Essa perspectiva ressalta como esses diferentes aspectos se misturam para enriquecer a experiência literária e contribuir para a compreensão mais profunda das obras.

Para Samuel (2011, p. 95), em seu capítulo intitulado *Literatura e história*, “A literatura representa um esforço, um reduto de lutas, de recuperação dos valores dos indivíduos, dos valores da vida humana propriamente dita”, não apenas reflete a história, mas também a influência. Ela é uma lente através da qual podemos explorar o passado de maneira mais profunda e significativa.

Conforme aponta Samuel (2011, p. 194) declara, “A literatura é uma apreensão do real”, apresenta o mundo por meio de uma representação que, por si só, constitui um universo distinto. “A literatura fala do mundo através de uma imagem do mundo”, sendo assim, ela se espelha na realidade, no contexto de determinado momento ou de determinada situação relevante (Samuel, 2011, p. 14).

Também para Dering e Silva (2016), é incontestável a presença da realidade sob a literatura, Dering e Silva (2016, p. 37): “(...) a literatura, enquanto representação do real, fornece

ao leitor não um retrato fiel e idêntico daquilo que lhe é corriqueiro, mas a possibilidade de, a partir do comum, transformar-se em múltiplas possibilidades.”

Por outro lado, Borges (2010, p. 101) considera que o meio em que o texto foi produzido ou elaborado pode ter seu peso nas suas produções literárias:

No contexto do tempo e do lugar, no emaranhado das relações históricas, sociais e culturais, no qual o texto literário foi elaborado, ele revela sua estética, seu estilo, sua linguagem, sua escola ou movimento, seus significados, os quais são criações coletivas e possuem sentidos, aceitação ou rejeição, nesse ambiente e tempo. (Borges, 2010, p. 101)

Dessa forma, como a autora menciona acima, os textos literários são fatos históricos, pois refletem o contexto em que foram escritos, ao mesmo tempo, muitas vezes, eles também representam a própria História.

4.3 Vozes, papéis e valores sociais – a polifonia na literatura

A literatura como um reflexo das condições sociais, culturais e históricas de um povo captura as vozes, os valores e as barreiras enfrentados por uma sociedade em determinado momento. Cada obra literária é criada dentro de um contexto próprio, isso inclui o período histórico, as crenças culturais, as mudanças políticas e entre outros. Dessa forma, é um campo farto para explorar as multiplicidades ou pluralidades de vozes em um texto, apresenta a ideia de polifonia desenvolvida por Mikhail Bakhtin.

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente significante (Bakhtin, 2013, p.4-5).

Portanto, essa independência em relação às vozes dos personagens na estrutura de uma obra literária é um aspecto essencial que colabora para a riqueza do texto:

A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanecem independentes e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento (Bakhtin, 2010, p. 23).

As obras literárias podem apresentar inúmeros pontos de vista, a polifonia está relacionada à intertextualidade, ou seja, ele refere-se à presença de múltiplas vozes dentro de

um texto, essas vozes podem pertencer a personagens, narradores, autores fictícios ou até mesmo a diferentes estilos literários.

A polifonia permite que diferentes vozes e perspectivas sejam expressas, enriquecendo a narrativa, ela é resistência e transformação, onde as vozes dissidentes encontram expressão e onde as verdades ocultas de uma sociedade podem emergir.

Fiorin (2016, p. 90) explica o papel dos personagens e do próprio autor na narrativa polifônica:

Num romance polifônico, não há palavra final sobre os atos das personagens ou sobre sua personalidade. A voz do autor não dá a última palavra na avaliação do herói. A voz do herói manifesta-se ao lado da do autor, reúne-se a ela e às dos outros heróis cujas vozes também são plenivalentes. O autor é um orquestrador das vozes, que têm completa liberdade para discordar dele, rebelar-se contra ele... Não se identifica com nenhuma voz, pois apenas arranja a multiplicidade distinta e antitética. O todo é a interação das diversas consciências numa justaposição, num contraponto, numa simultaneidade. O romance não mostra a verdade de uma voz, mas a própria interação delas.

Ainda de acordo com Fiorin (2016, p. 91): “Um mundo polifônico seria um mundo em que o pluralismo de ideias fosse efetivamente respeitado, porque todas as vozes seriam equipolentes, nenhuma voz social se imporia como a última e definitiva palavra.” Assim sendo, esse mundo polifônico é uma visão inspiradora, em que a diversidade tem vez e voz, onde haverá essa valorização, nesse mundo, cada voz contribui para um diálogo sem uma hierarquia.

A relevância dos aspectos abordados sobre a influência do contexto, a representação do real na literatura, as funções que esta pode assumir e, por fim, a alternância ou diversidade de vozes presentes em certas narrativas são de extrema relevância para esta pesquisa, visto que contribuirão para o conhecimento do meio, da cultura, história e sociedade de um determinado tempo.

Desse modo, as experiências vividas pelo autor moldam a narrativa e os temas abordados. Essa representação do real pode ser uma crítica social, uma busca por compreensão ou uma expressão artística, ademais ela nos conecta com diferentes perspectivas e ajuda a compreender a complexidade humana, logo cada voz presente nos contos traz uma visão única, revelando diferentes facetas da condição humana.

Os contos selecionados para esta pesquisa possuem traços do contexto histórico, do meio que influenciou a produção de *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis, e *Negrinha*, de Monteiro Lobato. No que concerne à polifonia, verifica-se que está presente nos contos escolhidos, dando voz aos que não possuíam, isso é o diferencial das obras.

5. ANÁLISE INTERTEXTUAL DOS CONTOS *A ESCRAVA* E *NEGRINHA*

Os contos *A Escrava* e *Negrinha*, embora produzidos em contextos históricos distintos, refletem as transformações sociais e literárias do Brasil. O primeiro, inserido no Romantismo durante o século XIX, carrega as características desse período, como a idealização e o sentimentalismo, enquanto o segundo, localizado no Pré-modernismo século XX, antecipa o Modernismo com sua linguagem mais coloquial e o trato de questões sociais. Ambos os contos, no entanto, convergem em alguns aspectos temáticos, refletindo determinada realidade brasileira, e ainda estruturais.

O objetivo deste capítulo é, portanto, analisar os dois contos de forma individual, para, então, realizar comparações sobre a estrutura, a temática e o contexto dos mesmos, buscando pontos de entrelaçamento. Tem-se em vista as experiências pessoais de cada autor e suas peculiaridades literárias, bem como as influências que tiveram sobre as obras.

5.1 Intertextualidades estruturais em *A escrava* e *Negrinha*

O conto é uma forma literária fascinante, caracterizada pela brevidade e pela capacidade de transmitir uma narrativa completa e impactante em um espaço limitado. Um aspecto central dos contos diz respeito a sua concisão; cada palavra é escolhida cuidadosamente para contribuir para o desenvolvimento da trama e da atmosfera, pode-se observar no seguinte fragmento: “Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados” (Lobato, 2014, p, 307), palavras que chamem a atenção do leitor.

Os personagens são geralmente poucos, mas bem desenvolvidos, permitindo que o leitor se envolva rapidamente com suas histórias. A estrutura de um conto é frequentemente linear, com um início, meio e fim claramente definidos, embora alguns autores optem por estruturas mais experimentais, como podemos observar em *Negrinha*, esses aspectos ao longo do conto.

Tematicamente, podem variar amplamente, mas muitas vezes exploram questões universais da condição humana, permitindo reflexões profundas sobre a sociedade e a existência individual. Além disso pode ser surpreendente, provocativo ou aberto, deixando ao leitor questões para ponderar após a leitura, o que acontece em *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis e em *Negrinha*, de Monteiro Lobato.

5.1.1 Um olhar sobre a estrutura narrativa de *A Escrava*

O conto *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis, apresenta-se como uma narrativa breve que se desenvolve em um salão onde pessoas da sociedade discutem diversos temas. Inicia por meio de uma voz narrativa, em 3ª pessoa, que situa o contexto do conto lançando aspectos problemáticos da escravidão vigente e que se constituirão no motivo central do conto: “O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão” (Reis, 2018, p.164). Algumas referências ao tempo em que se processa a narrativa podem ser identificadas, como: “Era uma tarde de agosto”, “Amanhã”.

Envolvida na discussão em torno de um “elemento servil”, “uma senhora” toma a palavra e assume a liderança da discussão, narrando em 1ª pessoa. Trata-se de uma narradora-personagem, já que, não apenas relata, mas participa dos eventos que relata: “Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. Poderia citar-vos uma infinidade deles; mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima” (Reis 2018, p. 165). Dessa forma, ela introduz a história de Joana, personagem central do conto, que, escrava desde o nascimento, passará por muitos anos de violência e algumas tentativas de fuga, e, por fim, obterá auxílio da referida “Senhora”.

Entretanto, em meio ao relato que a Senhora faz sobre o drama que testemunhou, é possível notar que a então narradora projeta a escrava para contar a sua história. Joana, em seus últimos momentos de vida, toma a palavra, tornando-se agora também narradora de sua própria história, como demonstra o fragmento seguinte: “— Gabriel! – disse ela – não. Eu mesma. Ainda posso falar. E começou: — Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava” (Reis, 2018, p. 172).

Desse modo, o que se observa no conto é a adição de mais uma voz narrativa, identificando-se um processo de alternâncias de narradoras esta é uma característica de Firmina, aparece em *Úrsula* – conceder voz aos escravizados, a Senhora e Joana, o que concede uma relevância especial à narrativa, cuja diversidade de narradores, o narrador inicial em 3ª pessoa, e as duas narradoras em 1ª pessoa, a Senhora e Joana, manifestam a polifonia presente no conto.

Em relação aos espaços principais em que acontece a história, nota-se que a narrativa se inicia em um salão em que pessoas da alta sociedade conversam, ou seja, um espaço urbano. O narrador situa o leitor com uma caracterização do ambiente e das pessoas que ali estão: “Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas” (Reis, 2018, p. 164). Além disso, a Senhora menciona um local rural onde teve o primeiro contato com a Joana. Antes desse encontro, ela descreve tal ambiente da seguinte maneira: “Eu cismava, embevecida

na beleza natural das alterosas palmeiras que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa. E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira” (Reis, 2018, p. 165).

Outros espaços são uma “fazenda” e, por fim, a casa da Senhora, onde o conto termina. É neste último que a Senhora abre as suas portas para acolher a negra fugitiva e seu filho Gabriel, conforme demonstra a citação a seguir:

Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida.
 — Diga, minha senhora, ordene.
 — Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.
 — Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?
 — Tu, e estes homens – os criados acabavam de chegar – vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la (Reis, 2018, p. 169).

É esse também o espaço em que Joana encontra refúgio, apesar de seu final trágico, a morte, pois guarda a certeza de que seu filho Gabriel ficará seguro e protegido pela Senhora que, antes, também já lhe reservara bondade e compaixão. A história tem como ponto culminante a despedida de Joana e, ao mesmo tempo, sua vitória, ao ser ouvida e ter sua voz ecoada.

No conto *A escrava*, Joana, como apontamos, é a protagonista, descrita como: “desditosa”, “negra que se finge de doida”, “maldita”, entre outros adjetivos pejorativos. Também assume voz na narrativa, tornando-se o centro da história em que relata suas memórias e experiências de escravidão. Assim, ao compartilhá-las, emerge como um sujeito autônomo, transcendendo o papel tradicional de escravizada, para se tornar uma voz ativa, capaz de narrar sua própria experiência e sua luta por sua liberdade.

A personagem Senhora é uma das principais narradoras do conto, uma mulher da alta sociedade, abolicionista, e que tem voz no conto. Seus ideais e atitudes revelam-se distintos para a época, de modo que o personagem Gabriel, filho mais velho de Joana, a aponta como “bondosa” e “boa”. Gabriel, também vítima de muitas agressões, também foi recebido pela Senhora, que se impressiona não apenas por seu estado, mas por sua atitude em relação à mãe

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula (...). No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade (Reis, 2018, p. 167-168).

Além dos personagens mencionados, há os dois filhos gêmeos de Joana, Carlos e Urbano, que lhes foram arrancados ainda na infância: “Carlos e Urbano, crianças de oito anos,

que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Essa terrível separação causou grande sofrimento à mãe, que “Desde esse dia ela endoideceu” (Reis 2018, p. 170).

O personagem Antônio evidencia-se como um antagonista de Joana, seu “algoz”, visto ser quem vai à procura da escrava foragida, sendo assim descrito pela senhora: “Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados. Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho” (Reis, 2018, p. 166). Sua aparência física expressa força e é acompanhada pela referência a sua brutalidade paralelo ao personagem

Aliado à figura do antagonista, o senhor Tavares é o proprietário de Joana e patrão de Antônio, e provoca, como este, temores nos escravos, sendo comparado a um “tigre”, uma fera. O personagem igualmente aparece ao final do conto, para levar o filho de Joana de volta, sendo, porém, contrariado pela Senhora, que se recusa a entregar o jovem. No passado, enganara a família de Joana, entregando uma carta falsa pela alforria desta.

— Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de liberdade de Joana.
 Meu pai não sabia ler, de agradecido beijou as mãos daquela fera.
 Isto durou dois anos. Meu pai morreu de repente e, no dia imediato, meu senhor disse a minha mãe: — Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.
 Minha mãe, surpresa e confundida, cumpriu a ordem sem articular uma palavra.
 (...) minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando (Reis, 2018, p. 172).

A descoberta da fraude termina por causar a morte da mãe de Joana, contribuindo para o sofrimento e a tragédia enfrentados pela protagonista. Em seu aspecto temporal, o conto faz referência direta ao período da “escravidão”, no Brasil, “no século dezenove!”. Além disso, apresenta-se linear em quase toda sua extensão, à exceção de quando Joana narra a sua história, voltando-se ao passado, ao para lembrar a sua jornada de sofrimento. De igual forma, a narrativa possui um começo meio e fim, dispondo os fatos numa sucessão predominantemente cronológica que evidencia a linearidade dos fatos. Vale dizer que a narrativa que passa a ser feita pela Senhora, marcará também o início de várias complicações que serão enfrentadas por Joana e que caracterizarão parte do enredo do conto.

Assim a trama narrativa será entrecidada por uma sequência de complicações, como sua efêmera libertação aos cinco anos de idade seguida de sua reescravização; as constantes fugas e violências físicas e psicológicas; a separação dos filhos gêmeos Carlos e Urbano, vendidos no tráfico de escravos. Tais ocorrências afetam profundamente sua vida, culminando no desfecho de enlouquecimento e morte:

“Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para as suas débeis forças. (...)— Eu e este desolado filho ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativo e o martírio despenharam tão depressa na sepultura” (Reis, 2018, p. 174).

5.1.2 Um olhar sobre a estrutura narrativa de *Negrinha*

Conforme abordamos, o conto *Negrinha* de Monteiro Lobato, narra a história da menina nascida na senzala, e que, após a morte da mãe, passa a ser criada pela proprietária da casa, Dona Inácia, sendo tratada com brutalidade, de ordem física e verbal.

O narrador do conto *Negrinha* apresenta-se em 3ª pessoa, podendo caracterizado como observador onisciente cuja voz prevalece durante todo o conto: “No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer” (Lobato, 2014, p. 307).

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça (Lobato, 2014, p. 308).

Como se observa acima, o narrador não apenas aponta para aspectos físicos da personagem, como as marcas fixadas no corpo, mas ainda chama a atenção para a violência recorrente sem necessidade de justificativa (“Batiam nela os da casa todos os dias, houvesse ou não motivo”). Dessa forma, explora os pensamentos e as emoções das personagens ao longo da história, permitindo ao leitor uma visão mais profunda das experiências apresentadas, sobretudo no tratamento das informações sobre as personagens centrais, a protagonista Negrinha e sua antagonista, Dona Inácia.

Em relação ao enredo do conto, a história se desenrola de maneira crescente, caracterizando sua linearidade. Inicia-se com a caracterização dessas duas personagens, de forma a antecipar o tratamento que será concedida a cada uma delas. Segue-se a isso uma variedade de complicações que delineiam a vida sofrida de Negrinha e são conduzidas por um narrador que, como se verá, contextualiza os episódios, filtrando fatos de acordo com a sua consciência.

Quanto à Negrinha, sua trajetória, conforme assinalamos acima, é marcada por constantes maus tratos e humilhações por parte da família com quem convive. Além disto, é retratada como uma criança extremamente solitária: “Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos” (Lobato, 2014, p. 307/308).

Além dos maus tratos físicos, Negrinha sofre também ataques verbais. Desde o início, é possível notar que Negrinha é chamada de peste, tanto por D. Inácia quanto pela mãe, que fala: “— Cale a boca, peste do diabo!!” (Lobato 2014, p. 307). Até mesmo a empregada da casa chama Negrinha de peste. E ao longo da narrativa são apontadas as diversas adjetivações negativas atribuídas à personagem, como: “pobre órfã”, “triste criança”, “coisa humana”, “boba”, “mulatinha escura”, “miséria criança”, entre outras. Percebe-se ao longo da narrativa que Negrinha não era considerada uma pessoa, mas sim um objeto, sem voz e sem direitos.

Corroborando esse quadro, a vida da personagem é marcada pela quase total inexistência de momentos alegres. No entanto, em um raro momento de alegria, ela se diverte e brinca, acompanhada pelas sobrinhas de Dona Inácia:

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.
— É feita?... — perguntou extasiada. (...)
As meninas admiraram-se daquilo.
— Nunca viu boneca?
— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?
Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade (Lobato, 2014, p. 310/311).

Conforme podemos notar acima, é na fala do narrador que se acentuam as infelicidades e a ingenuidade de Negrinha, ainda que esta não tenha plena consciência disso. É ele que nos informa que a menina “Nunca vira uma boneca” e sobre sua reação de êxtase diante do brinquedo que vê pela primeira vez. Por um lado, esses aspectos ressaltam de forma subjacente, porém mais intensa, a violência e injustiça praticadas contra a personagem, que foi feliz apenas uma vez durante toda a sua jornada, e, por outro, sua fragilidade e inocência infantis, fazendo sobressair a humanidade de Negrinha, o que, por fim, contraria as adjetivações pejorativas atribuídas de forma mais explícita à protagonista.

O narrador, portanto, desempenha um papel crucial ao revelar a trágica vida da personagem-título. Embora não tome partido de forma explícita, torna-se, ante a ausência de voz e lugar de fala de Negrinha, por ser criança, órfã e negra, uma espécie de porta-voz que expor seus sofrimentos.

Em relação à Dona Inácia, trata-se de uma senhora ex-dona de escravos, que abrigou Negrinha em sua casa. Também recebe várias adjetivações, sendo descrita de duas formas: “Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu” (Lobato, 2014, p. 307); ademais, é vista como “mestra na arte de judiar de crianças” que não seja suas sobrinhas.

É perceptível acima o tratamento irônico atribuído à Dona Inácia, estabelece na dualidade das formas de adjetivá-la. Apesar de vista como uma mulher generosa e de bom

coração, dedicada à caridade e ao "cuidado de Negrinha", no entanto, nos bastidores de sua residência, revela-se uma pessoa cruel, especialmente com relação à menina. Essa situação de dualidade percorre todo o conto.

Dona Inácia encontra satisfação em tornar a vida de Negrinha cada vez mais difícil, tornando-a alvo da raiva que sentia pelo fim da escravidão. Qualquer motivo justificava a agressão de Negrinha, ou, mesmo quando não havia motivo aparente, a menina era cercada por “cocres, pontapés e tapas”.

As caracterizações de Negrinha feitas pelo narrador são diferenciadas quando comparadas às referências sobre Dona Inácia, visto que não faz uso da ironia ao referir-se à menina. Nesse sentido, ele não acoberta as crueldades cometidas por Inácia assim como não minimiza o sofrimento de Negrinha. Essa abordagem multifacetada revela os personagens em toda a sua complexidade, mostrando seus atos e emoções sem julgamento direto.

Também merecem atenção no conto, as sobrinhas de Dona Inácia, personagens que aparecem na metade da narrativa, mas desempenham um papel importante, sobretudo por evidenciar a desigualdade de condições e tratamento em relação à Negrinha: “Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas” (Lobato, 2014, p. 310). As duas meninas, ao chegarem à casa da tia, também surpreendem Negrinha com sua alegria, risadas e brinquedos. Para a triste e solitária Negrinha, o barulho de crianças não era permitido na casa, mas as sobrinhas de Dona Inácia parecem exceção a essa regra.

É possível ainda apontar a representação de alguns papéis sociais na narrativa. Dona Inácia, representando a maioria da elite branca brasileira, e Negrinha, a minoria, que continuou escrava, guardando as marcas da hostilidade, sendo vítima de violência física e psicológica, não apenas de sua cuidadora, mas também dos outros moradores e empregados da casa, como já mencionado. Ademais, D. Inácia usa Negrinha para colocar em evidencia a sua bondade, como mostra o fragmento baixo:

— Quem há de ser? — disse a tia num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus... Uma órfã. Mas brinquem, filhinhas, a casa é grande, brinquem por aí afora.
 “‘Brinquem!’ Brincar! Como seria bom brincar!”, refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco” (Lobato 2014. p. 310).

O narrador também enfatiza o lugar social de Dona Inácia ao utilizar a palavra “trono” várias vezes na narrativa, associando-a um espaço exclusivo da personagem. Esse “trono” representava um lugar inacessível para Negrinha, que, por isso, permanecia no canto da sala, e também evidencia a diferença de posição social entre as duas personagens.

Em relação ao espaço em que ocorre a narrativa, não é indicado de maneira explícita, mas aponta-se para a casa de Dona Inácia, pois são mencionados os cantos da sala em que Negrinha ficava. Além disso é também mencionado um “jardim”, a “senzala”, o “seu canto da sala” e a “casa”, inferindo-se daí que se trata de uma fazenda.

O desfecho do conto traz a morte de Negrinha, antecedida por uma mudança significativa que marca o clímax da narrativa. Neste sentido, a passagem das meninas loiras pela fazenda acaba por possibilitar a revelação da identidade da protagonista para si mesma, impedindo que ela permaneça em um estado de submissão e negação de sua própria existência: “Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão!” (Lobato, 2014, p. 312).

Além disso, o narrador observa-lhe o sofrimento não compreendido pelos demais personagens do conto, que não a reconhecem como ser humano, mas simples objeto, conforme se demonstra a seguir:

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos. Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a (Lobato 2014, p. 311).

Tamanha tristeza toma conta da pequena Negrinha até sua morte, vista com certa beleza e ternura pelo narrador, confirmando sua ótica especial no tratamento da personagem:

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada. (Lobato, 2014, p. 312).

A morte, nesse contexto, surge como uma forma de libertação da vida de opressão, visto que na casa em que vivia não havia lugar para a menina, que morre sozinha, sem ninguém para interceder por ela. Sua partida, portanto, representará o fim de seu sofrimento.

O conto *Negrinha* e *A escrava* apresentam algumas similaridades, como a descrição das personagens principais. Em *A Escrava*, Joana é descrita como uma “mísera escrava”, “negra que se fingia de doida”, “preguiçosa” Reis (2018), já no conto *Negrinha*, ela é retratada da seguinte forma: “Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados” Lobato (2014, p.307).

Ainda em relação aos personagens, nos dois contos observa-se o negro escravizado, em situações precárias. Ademais, também se nota que há a mesma estrutura nos contos: o branco escravocrata (Dona Inácia e o Senhor Tavares) x negro escravizado (Negrinha e Joana), além disto, ambas são mulheres à margem da sociedade mesmo vivendo em séculos diferentes. Em

relação aos narradores dos contos apresentados percebe-se que eles não são parecidos, o narrador do conto *A escrava* participam dos fatos narrados, já em *Negrinha* o narrador não participa.

Em relação à posição social dos personagens nos contos aqui estudados, é necessário compararmos para melhor entender ou ter como perspectiva o olhar abordado pelos autores: Maria Firmina dos Reis e Monteiro Lobato. Nesse sentido, as primeiras informações apresentadas sobre os personagens são cruciais para entender sua posição social na narrativa. Elas estabelecem o contexto e nos permitem enxergar as complexidades das experiências vividas por suas personagens escravizadas Joana e Negrinha. Através desses detalhes iniciais, somos conduzidos a refletir sobre as desigualdades e as lutas enfrentadas por essas personagens em uma sociedade marcada pela escravidão e suas sequelas.

Nesse sentido, observa-se em *A escrava*: Senhor Tavares (Senhor de escravos, rico e adulto), e Joana (Escrava, pobre e adulta); em *Negrinha*, Dona Inácia (Rica, adulta, Ex-senhora de escravo) e Negrinha (criança, pobre, negra, filha de escrava), logo percebe-se a posição social em que cada personagem se insere.

Além disso, a personagem Negrinha era vista, como “coisa” pelos outros personagens, vivia miseravelmente, igualmente Joana. Observa-se também o racismo com que tratavam a criança, dirigidas a ela, como: “Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, biscoito, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam” (Lobato, 2014, p. 308).

Seus enredos se assemelham em alguns pontos e em outros não, como por exemplo: Negrinha não recebe amparo de ninguém, no entanto em *A escrava*, Joana recebe ajuda da personagem Senhora, durante sua fuga e no leito de morte. O conto *Negrinha* tem como desfecho a morte da personagem Negrinha de forma solitária, sem nenhuma compaixão ou ajuda e o conto *A escrava* tem como epílogo a libertação, de certa forma, de Joana e seu filho, com a ajuda e o apoio de uma Senhora que teve compaixão por eles, mesmo com a morte de Joana ao final, seu filho teve a sua liberdade e amparo por meio da senhora.

5.2 Intertextualidades temáticas em *A escrava* e *Negrinha*

Os contos *A Escrava*, de Maria Firmina dos Reis, e *Negrinha*, de Monteiro Lobato, abordam temáticas semelhantes, embora pertençam a períodos diferentes. No conto *A Escrava*, Maria Firmina dos Reis aborda o sofrimento dos escravos no Brasil do século XIX. A protagonista, Joana, enfrenta violência, separação de seus filhos e a constante ameaça de ser

reescravizada.

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho, passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu volta em torno de uma grande moita de murta, e colando-se no chão nela se ocultou (Reis, 2018, p.165).

Este fragmento descreve o momento em que a senhora que possui “sentimentos abolicionistas”, tem seu primeiro contado com a escrava Joana, ao saber dessa informação observa-se dois pontos em relação à temática do conto *A escrava*; primeiro, percebe-se que a escrava estava foragida, foi maltratada, justamente pelas características que a senhora descreve, e segundo o posicionamento da senhora ao final, quando demonstra preocupação pela escrava.

Sendo perceptível a temática presente no conto, a escravidão (Joana) e a questão abolicionista (a senhora). Não só nesse fragmento, mas também em toda a narrativa deixando claro a temática central do conto. A compaixão e o sentimento abolicionista em relação ao sofrimento da personagem Joana e sua salvadora, por assim dizer:

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

— Amanhã, – continuou ele, – hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada! Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites; ela deitou a correr gritando. Ele correu atrás. Eu corri também, corri até aqui porque foi esta a direção que tomaram. Mas, onde está ela, onde estará ele?

— Escuta, – lhe tornei então, – tua mãe está salva, salvou-a o acaso; e o feitor está agora bem longe daqui.

— Ah! Minha senhora, onde, onde está a minha mãe e quem a salvou?

— Segue-me, – disse eu – tua mãe está ali – e aponte para a moita onde se refugiara. (...)— Diga, minha senhora, – tornou o rapaz na mais pungente ansiedade, – que devo fazer?

Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero, não posso ver minha mãe morrer aqui, sem socorro algum.

— Sossega, – disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; – espera, disse-lhe:

Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida (Reis, 2018, p. 168-169).

Dessa forma, fica clara a temática que envolve toda a narrativa de *A escrava*, onde uma abolicionista presta socorro ou tem piedade daqueles que nasceram sem direitos básicos, apenas por serem negros em um contexto de escravidão.

O conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, trata de temas profundos ligados à realidade social e racial do Brasil no início do século XX. Logo, a narrativa apresenta os bastidores da sociedade da época, abordando o racismo e o preconceito que a menina sofreu. Evidencia a exploração e desumanização, retratando a vida de Negrinha, maltratada por Dona Inácia que a trata com insensibilidade e indiferença. A personagem principal, representa a opressão e o sofrimento enfrentados por diversas pessoas naquela época. Verifica-se a seguir a

crueledade com que tratavam a menina negra, vivendo em um período que a escravidão de maneira formal foi declarada em 1888:

Conservava Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Inocente derivativo. — Ai! Como alivia a gente uma boa roda de cocres bem fincados!... Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os níqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! bom! bom! gostoso de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões à uma — divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor! (Lobato, 2014, p. 308- 309).

Dessa forma, a representação o negro em meio ao momento de abolição da escravidão já tinha entrado em vigor, mesmo que a sociedade ainda não tenha acabado com atitudes como a de Dona Inácia, escravocrata que não aderiu à abolição da escravidão, além disso traz as relações no contexto familiar, pois Negrinha, ao ver de Dona Inácia, era: “— Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus...”(Lobato, 2014, p. 310).

Além disso, Joana e Negrinha, são personagens escravizadas, elas representam a luta pela emancipação e o desejo de serem sujeitos autônomos em uma sociedade opressora. A dor da separação e o desejo de reunir a família também são explorados na narrativa.

Firmina dá voz às personagens negras, permitindo que compartilhem suas histórias e experiências. Isso é significativo, considerando o contexto histórico em que a literatura brasileira era predominantemente branca. Em resumo, *A Escrava* aborda questões sociais, emocionais e humanas relacionadas à escravidão e à busca por liberdade, sendo uma obra importante para entendermos o período e a luta contra a opressão racial no Brasil.

A Escrava demonstra um sentimento abolicionista e de resistência em relação à personagem Joana e seus filhos. A perspectiva do escravizado/cativo é colocada como centro da narrativa, dessa forma Joana, narra suas memórias abordando a questão da escravidão e a busca por sua liberdade. Assim como Negrinha, Joana, também é negra, ambas sofrem maus-tratos, possuem lutas semelhantes mesmo vivendo em contextos diferentes como já foi relatado.

Tanto Joana quanto Negrinha são vítimas, Dona Inácia, em *Negrinha*, é quem explora a jovem, já em *A Escrava* o senhor Tavares é quem maltrata Joana, logo ambas estão à mercê de seus senhores, sofrendo as consequências da opressão. Os dois contos possuem e exploram o preconceito racial e a desigualdade social. *Negrinha* denuncia a crueldade sofrida pela personagem que contém o mesmo nome, e *A Escrava* mostra a mentalidade escravocrata persistente durante esse período.

5.3 Intertextualidades contextuais dos contos de Firmina e Lobato

5.3.1 *A escrava* e seu contexto histórico-social

Como já foi constatado nos capítulos anteriores, o conto *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis, foi produzido durante o século XIX, no período em que o Romantismo ganhava força. Entretanto, o Romantismo é caracterizado por obras idealizadas, sendo necessário falar que o conto se ancora também em uma questão de suma importância, a realidade do momento, que é a escravidão.

Assim sendo, a narrativa *A escrava* apresenta esse aspecto do Romantismo, pois traz esse ideal de liberdade, marcante para a geração poética da terceira geração de Castro Alves, e também em vários romances. Ainda sobre o conto *A Escrava* Duarte *et al.* (2018, p. 48) menciona que foi:

(...) publicado na *Revista Maranhense* em 1887, Reis não só se coloca mais uma vez como abolicionista, como descreve uma participação ativa na causa abolicionista ao mostrar uma rede da organização que de São Luís escondia e conduzia a salvo até Rio de Janeiro escravos fugitivos e que rápida e legalmente compravam-lhe a liberdade (Duarte *et al.*, 2018, p. 48).

O interessante dessa citação é que o autor reconhece Firmina como abolicionista, assim como outros autores referidos no desenvolvimento deste trabalho, também contribuiu com a causa abolicionista, o que nos mostra suas ideias. A narrativa em questão é um conto romântico, porém possui pontos importantes para serem analisados.

Ao analisar o conto, pode-se constatar de maneira explícita as marcas do tempo. Segundo o fragmento a seguir, menciona-se o século em que o conto se insere: “— Admira-me, — disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; — faz-me até pasmar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove!” (Reis 2018, p. 164). Nesse trecho do conto, a Senhora abolicionista expressa perplexidade diante da persistência de sentimentos escravocratas em pleno século XIX.

O que também podemos analisar são as figuras que pode sim, ser relacionadas com o período em questão, século XIX: “— É noite. Eu morro... E o serviço? E o feitor?” (Reis, 2018, p. 171). O personagem feitor é uma figura comum durante o século já referido. Além disso, a linguagem, termos e expressões utilizados apontam para a linguagem da época, como por exemplo: “engenho”, “vossemecê”, “verdugo”, “alaúde”, “gemebundas”, “dardejando”, entre outros, sendo marcas do período que aparece tanto na obra quanto na realidade de produção do conto de maneira explícitas.

Ademais, pode-se notar costumes da época, era comum a alta sociedade se reunir em saraus para ouvirem músicas e apreciarem recitais de poesia e discutir vários assuntos, o que inclusive acontece no início do conto

Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade, e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil. O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão (Reis, 2018, p. 164).

Observe-se acima a cena inicial do conto *A escrava*, trata-se de um momento em que é narrado um encontro de pessoas da alta sociedade. Ao conhecermos o contexto de produção do conto, é possível afirmar que esse fato, a reunião com indivíduos de classe média/alta (elite), era comum durante o século XIX, sendo uma marca social da época. Não só isso, mas outros pontos do conto possuem semelhança com a realidade, como a própria fuga de Joana: “– foge sempre? — Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge.” (Reis, 2018, p. 167). Os negros durante o período da escravidão fugiam várias vezes de seus senhores que os maltratavam e exploravam. Além disso, a figura da “escrava”, do “escravocrata”, “senhor do engenho” e “algoz”, existiram durante esse momento da história.

Um dia apresentou a meu senhor a quantia realizada, dizendo que era para o meu resgate. Meu senhor recebeu a moeda sorrindo-se – tinha eu cinco anos – e disse: — A primeira vez que for à cidade trago a carta dela. (...) tomou o papel, e deu-o a ler àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando (Reis, 2018, p. 173).

Nesse episódio, o senhor Tavares enganou a família de Joana ao entregar uma carta de alforria falsa. Em relação com a realidade ou contexto, nota-se que era comum os Senhores enganavam os escravos que lutavam para serem libertos, esse já é um índice implícito da realidade no conto. Considerando que o conto *A Escrava* aborda o tema da escravidão no Brasil do século XIX, é possível identificarmos alguns índices de fatos históricos presentes na narrativa, como por exemplo: o tráfico de escravos como demonstra a seguinte passagem da narrativa:

Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos – era um traficante de carne humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente. Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor, e saiu. Eu tinha o coração oprimido, pressentia uma nova desgraça (Reis, 2018, p. 173).

Dessa forma, Joana teve seus filhos vendidos e levados para o Rio de Janeiro, por um traficante, a questão do tráfico também aponta de maneira implícita em que período se situa o conto. Do mesmo modo, o seguinte fragmento “hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites (...) Minha mãe caiu, desfalecida; o feitor lhe

impôs que trabalhasse, dando-lhe açoites;” (Reis, 2018, p. 168), o que também coloca a narrativa nesse século. A referência a “açoites” está relacionada ao fato de que os escravos eram presos em troncos e eram açoitados/castigados, do mesmo modo ocorria durante o século XIX.

O contexto em que a autora viveu acaba por respingar dentro de suas produções. Como vimos com *Candido*, o contexto pode aparecer nas narrativas, incluindo aspectos biográficos, sociais, políticos da época em questão.

Podemos relacionar indício da voz autoral no conto *A escrava*, ou seja, a presença da voz de Firmina, através da personagem Senhora, cujo nome não foi mencionado. A personagem possui os mesmos princípios que a autora Maria Firmina dos Reis, em relação aos ideais libertários, ambas são abolicionistas bondosas e acolhem aqueles que precisam.

E por fim, através de Joana, Maria Firmina dos Reis dá voz a uma personagem negra, representando-a como sujeito autônomo na literatura brasileira oitocentista. Assim, ela contribui para o movimento abolicionista ao escrever sobre estas questões sensíveis e de extrema relevância para o contexto da época e até mesmo para os dias atuais.

Essa diferença de perspectivas no conto pode evidenciar a manifestação de polifonia, multiplicidade de vozes independentes que o conto possui, cada uma com a sua importância. Ao comparar Firmina a Senhora, e ao observar as vozes que o conto tem, como a de Joana, que não é silenciada por seu Senhor ou pelo Algoz, e a própria Senhora que tem voz em um meio marxista, onde a mulher não tem vez ou voz. Logo, Joana, a protagonista do conto, personifica essa luta contra a opressão e a busca pela liberdade que caracteriza o contexto da época, tornando-se um símbolo da resistência dando voz aos negros.

5.3.2 *Negrinha* e seu contexto histórico-social

Vale aqui lembrar que o contexto em que Monteiro Lobato, viveu entre a virada dos séculos XIX e XX, que irá corresponder na literatura ao momento em que estava em vigência o Pré-modernismo, instante esse que o país estava passando por modificações. Segundo Monteiro Lobato:

No Brasil real dos anos 1920, a república proclamada por militares era marcada pelo autoritarismo, o povo continuava excluído das decisões sobre o destino do país, o campo servia às oligarquias unicamente fonte de extração de riqueza distribuída em desigualdade extrema, aos negros pouco lhes servia a abolição recente, partilhando com os pobres as desditas impostas pela ordem escravocrata ainda em vigência (Lobato, 2014, p. 11-12).

Desse modo, Lobato apresenta o país em que o autor escreveu o conto *Negrinha*, mostrando o contexto histórico-social e faz menção ao período político de estabelecimento da

República dessa narrativa, marcado por um período de transição entre o fim da escravidão e o trabalho assalariado para a camada social da época. O conto *Negrinha* (1920), é uma obra que expõe a realidade da sociedade brasileira, denunciando o racismo, o preconceito e a mentalidade escravocrata que persistia mesmo após a abolição.

A personagem Negrinha representa a exploração e a violência enfrentada pela população negra da época, como também representa na obra aquilo que na realidade ainda predominava, os escravos libertos, em situação de escravidão e de quase escravidão.

[...] o conto Negrinha é mais que literatura, é história, mostrando os resquícios da colonização portuguesa, do preconceito e da desigualdade, que ainda perduram na sociedade brasileira. Aplica-se à Negrinha e ao que foi feito à população negra do País, não apenas durante os anos de Escravidão, mas também no período posterior à Abolição [...] (Silva, 2019, p.44)

O conto "Negrinha" transcende a literatura, mostrando os vestígios da colonização portuguesa, do preconceito e da desigualdade ainda presentes na sociedade brasileira. Esta obra não se limita à personagem Negrinha, mas também à trajetória da população negra no país, abrangendo não somente os anos de escravidão, mas também o período subsequente à abolição. A voz do autor Monteiro Lobato revela a dura realidade enfrentada por uma parcela da sociedade.

No que diz respeito ao contexto do conto *Negrinha*, pode ser observado no seguinte fragmento: “O Treze de Maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana” (Lobato, 2014, p. 308). De acordo com essa passagem podemos identificar o contexto da própria narrativa: se referindo ao fim da escravidão, em que foi retirado dos escravocratas o direito sobre o negro, porém não aconteceu dessa forma, mesmo após a abolição, os negros continuaram sendo escravizados de certa forma, fato que também havia acontecido na realidade. Como se nota o contexto de produção do conto na seguinte menção:

Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o “bacalhau”. [35] Nunca se afizera ao regime novo — essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! “Qualquer coisinha”: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: “Como é ruim a sinhá!” (Lobato, 2014, p. 308).

Dessa forma, observa-se “Vinha da escravidão”, “Nunca se afizera ao regime novo”, o que localiza a narrativa no contexto de produção novamente, como também é possível identificar pela própria linguagem e expressões desse fragmento, exemplo “afizera”, “novena de relho”, “sinhá”, “mucama”, não apenas nesse fragmento mais ao decorrer do conto.

“Tempo houve em que foi bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim — por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista” (Lobato, 2014, p. 308). Nesse fragmento observe a

palavra “bubônica”, onde se refere a uma doença que causou um surto na sociedade no início do século XX, o que demonstra de maneira implícita a realidade no contexto do conto.

Outrossim, contata-se em outro fragmento referência ao tempo, nela é mencionado o mês de “dezembro” em que as sobrinhas de D. Inácia passaram suas férias em sua casa e fazendo uma descrição a respeito das meninas Firmina (2018).

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo (Lobato, 2014, p. 309).

Conforme se observa acima uma das piores cenas de torturas que a personagem Negrinha sofreu durante o conto, essa descrição minuciosa faz com que, nos colocássemos no conto, Lobato faz esse tipo de descrição ao longo de toda a narrativa, diante deste fragmento podemos dizer que o narrador é o porta voz de Monteiro Lobato, principalmente em relação a crítica da escravidão, e ele para isso utiliza-se da ironia e do detalhismo que descreve as cenas de tortura e violência sofrida pela protagonista.

Vale lembrar que Lobato não tece claramente as críticas contra Dona Inácia, mas quando ele coloca essas cenas cruéis de Negrinha, não faz isso para ganhar o apoio do leitor ou uma intenção ingênua em relação a dona Inácia. Quando Lobato utiliza de ironia e detalhismo nessas cenas, isso pode contribuir para perpassar o olhar do autor ou voz autoral do autor, o pensamento, a visão de mundo em relação a essa temática da escravização, são recursos estilísticos utilizados para contribuir com essa visão crítica a respeito dos escravocratas.

A narrativa de Monteiro Lobato está repleta de críticas que expõem a situação das classes menos favorecidas na sociedade brasileira profundamente discriminatória, essa crítica não está apenas no conto *Negrinha*, mais em outras produções como: *Jeca tatu*, onde o autor também faz uma crítica/denúncia do descaso do governo em relação às pessoas da zona rural.

No conto, há uma luta entre duas ideologias que se complementam e se relacionam. De um lado, está Negrinha, a representante de um grupo que conseguiu se libertar de uma estrutura escravista e excludente, mas que agora enfrenta uma nova batalha: a de se inserir na sociedade, construir uma história e assegurar os mesmos direitos que os brancos.

De outra lado, a personagem Dona Inácia representa a resistência de uma sociedade que não se conformava com os novos ares advindos do fim da escravidão, essa parte da população se recusa em ceder os direitos dos negros. Nesse sentido ao falarmos sobre essas duas vozes, claramente evidencia-se a polifonia presente na narrativa, que expressa as diferentes vozes e ideologias ao se comparar Negrinha e Dona Inácia.

No que se refere ao narrador do conto *Negrinha*, é necessário observar a utilização do tom irônico ao adjetivar Dona Inácia como: “Ótima”, e em sequência transcrever as falas problemáticas dela, como por exemplo: “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças” (Lobato, 2014, p. 308). Ele faz um comentário positivo a respeito de Dona Inácia e em seguida transcreve uma fala problemática dela, durante toda a narrativa permanece dessa forma. Apresentando predicados positivos para D. Inácia e mostrando uma realidade diferente.

O que estabelece uma dissonância de vozes entre as personagens, uma vez que ao afirmar algo ele também nega o que afirma promovendo um embate de vozes e ideologias que expressam as relações de poder entre as camadas que são representadas no conto (escravizado x escravocrata). Nesse embate, termina sobressai uma perspectiva mais crítica em relação ao que está sendo contado ou caracterizado.

Após essas considerações, pode-se atentar para as diferenças e semelhanças dos contos, em particular em relação os seus respectivos autores, suas biografias, além dos personagens que foram abordados em outros capítulos.

Vale aqui mencionar que os autores nasceram em épocas e contextos diferentes, além de suas condições sociais totalmente distintas, pois Firmina era descendente de escravos e o Lobato já era branco, tinha condição financeira, sua posição perante a sociedade era bem diferente a de Firmina. Outra diferença é que Monteiro Lobato utiliza a ironia como forma de ferramenta em seu conto, entretanto Maria Firmina dos Reis não, sendo uma forma de diferenciar os contos através das ferramentas utilizadas na produção do conto.

Os autores Firmina e Lobato trazem a realidade vivida pela sociedade, com determinados índices e marcações sócio-históricas para os contos aqui estudados, além disso, ambas as temáticas são a escravidão e o sofrimento em que as duas personagens possuem. Como observamos nos capítulos anteriores, o conto *A Escrava*, reflete a representação da imagem da “democracia” escravocrata no século XIX, mostrando a realidade da sociedade um ano antes da abolição, ou seja, a história possui traços da realidade, assim como em *Negrinha*, que denuncia os bastidores da sociedade patriarcal sendo uma potente condenação à mentalidade escravocrata do Brasil que persistia três décadas após a abolição, sendo assim, ambos os autores retratam a realidade em que viveram.

Como vimos os desfechos dos contos terminam com a morte trágica das protagonistas. Entretanto, em *A escrava* o fim é diferenciado, simbolizando, ao final, uma certa esperança em relação à abolição, diferente da história de *Negrinha*, em que já se sabe o contexto em que se passa a narrativa após a abolição. *A Escrava* é pioneira ao abordar a escravidão sob

a perspectiva de uma mulher negra, enquanto *Negrinha* critica a sociedade pós-abolição que perpetua a violência e o preconceito. As narrativas se entrelaçam ao evidenciar a luta e a resistência dessas personagens contra um sistema que as marginaliza.

Além disso, observou-se a posição social dos personagens tanto em *Negrinha* quanto em *A escrava*, chegando à conclusão de que ambos possuem essa relação de poder. Senhor Tavares x Joana e Dona Inácia x Negrinha representam essa posição presente na sociedade da época. O senhor Tavares, senhor de escravos assim como Dona Inácia representando o poder dominante do escravocrata, e Joana, escravizada, tendo relação com Negrinha, subalternizada e escravizada, ou seja, os dois contos possuem figuras que representam as camadas sociais oponentes na época da produção dos contos.

Um ponto em comum entre as narrativas são as vozes marginalizadas, tanto Monteiro Lobato quanto Maria Firmina dos Reis dão voz às pessoas marginalizadas. Firmina, como mulher negra, trouxe uma perspectiva autêntica e pioneira na literatura brasileira e Lobato, embora branco, também se posiciona contra as injustiças sociais. Em poucas palavras, Joana representa a luta e a resistência da mulher negra, enquanto Negrinha simboliza a opressão e a marginalização. Deste modo, Joana e Negrinha representam duas faces distintas da experiência das mulheres negras na literatura brasileira. Uma personifica a resistência e a busca por dignidade, enquanto a outra lembra da crueldade e invisibilidade que muitas vezes acompanham essa jornada. Enquanto *A Escrava* se situa em um período de escravização formal, *Negrinha* tem como contexto a abolição da escravidão. Ambos possuem relação com a temática da escravidão, como também utilizam adjetivos para referir-se à Negrinha, evidenciam que ela teve uma vida de sofrimentos, assim como em *A escrava* que também é utilizados adjetivos pejorativos para se referir a Joana.

A polifonia é um recurso literário que envolve a presença de múltiplas vozes na narrativa, representando diferentes perspectivas e ideologias. Nesse sentido, observou-se essa complexidade de vozes presentes em ambos os contos ao longo das análises feitas até o momento. Além disso, também se notou que tanto no conto *A escrava* quanto, em *Negrinha* a voz e os ideais dos autores estiveram presentes durante as narrativas.

Nesse sentido, é importante conhecer o contexto de produção em que os autores escreveram suas produções e como isso impactou na sociedade, pois os dois contos tiveram esse objetivo. Os dois contos fazem uma crítica social, Lobato e Firmina utilizam suas produções para criticar o sistema escravocrata de sua época, dessa forma, eles manifestam também essa consciência libertária dos autores, desafiando os padrões da época, e promoverem transformações sociais por meio de suas produções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia realizou uma análise dos contos *A escrava* (1887), de Maria Firmina do Res, e *Negrinha* (1920), de Monteiro Lobato, comparando-os em termos estruturais, temáticos e contextuais. Embora os contos pertençam a épocas distintas e sejam de autores que viveram em contextos diferentes, a análise revelou tanto as diferenças quanto as semelhanças na abordagem da questão da escravidão. As obras apresentaram estruturas semelhantes, especialmente no que se refere aos papéis sociais dos protagonistas e antagonistas, destacando como cada autor trata a temática de maneira aproximada.

Para realizar a análise proposta, foi necessário investigar o contexto de produção da autora Maria Firmina dos Reis e situar seu conto *A Escrava* dentro do movimento literário do Romantismo. Observou-se que o conto incorpora características românticas, como o exagero sentimental, a fuga da realidade, digressões e ideais de liberdade. Além disso, evidenciou-se que as vivências pessoais e o contexto histórico de Firmina tiveram uma influência significativa em suas produções literárias, proporcionando uma compreensão mais profunda das suas obras e do impacto de seu ambiente sobre elas.

Na pesquisa sobre o contexto de produção do conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, identificou-se que o conto reflete características do período pré-modernista como, por exemplo, a abordagem de temáticas sociais, como a escravidão, a visão realista e a ênfase em personagens marginalizados. É possível afirmar que o conto reflete a concepção que o autor tem sobre a realidade, funcionando como uma ferramenta para compreender o contexto de sua produção e, por extensão, a sociedade de sua época.

Destacou-se ainda que a literatura vai além da simples expressão artística; ela é um espelho da realidade, meio de provocar sentimentos, entreter, educar e estimular o pensamento crítico. Assim, através das obras literárias, temos a oportunidade de compreender as sociedades de épocas passadas, explorando suas contradições e dualidades presentes nos textos. Conforme destacado por Candido (2011), a literatura é uma necessidade universal e um direito de todos, desempenhando um papel fundamental que transcende barreiras culturais e sociais. Como reflexo das condições sociais, culturais e históricas de um povo, a literatura capta as vozes, os valores e os desafios enfrentados por uma sociedade em determinado período. Cada obra literária é, portanto, uma janela para o contexto histórico e cultural em que foi produzida, oferecendo um campo rico para explorar as multiplicidades e perspectivas de vozes que nela atuam. Assim, a literatura se confirma como um espaço essencial de reflexão e diálogo social.

Outrossim, foi realizada uma análise comparativa entre as narrativas *A escrava* e *Negrinha*, primeiramente em relação às intertextualidades estruturais e temáticas observadas

nos respectivos contos. Evidenciou-se que as personagens protagonistas apresentam semelhanças como, por exemplo, eram negras escravizadas, sofreram violência física e psicológica. Os narradores dos dois contos apresentam diferenças significativas. Em *A Escrava* há uma alternância entre diferentes vozes narrativas, o que manifesta a polifonia da obra. Essa alternância é crucial, pois permite que a escrava compartilhe sua própria perspectiva, oferecendo uma visão interna e pessoal da sua situação. Essa abordagem é um aspecto distintivo em relação à obra. Por outro lado, em *Negrinha*, o narrador não cede a palavra à protagonista, que não expressa diretamente seus sentimentos ou vivências; em vez disso, o narrador utiliza o recurso da ironia para criticar a exploração e a discriminação, proporcionando uma análise crítica do conto através da sua própria narração.

Ambos os contos exploram temas semelhantes relacionados à condição dos escravizados. Entretanto, *A escrava* trata do sistema escravista brasileiro e das condições desumanas enfrentadas pelos negros, ilustradas pela personagem Joana, que, após ser libertada e reescravizada, enlouquece com a separação de seus filhos gêmeos. Por sua vez, *Negrinha* retrata a vida de uma menina negra órfã, explorada e maltratada por Dona Inácia, uma mulher branca, evidenciando as desigualdades sociais e raciais, bem como a submissão a condições desumanas que ainda persistiram após a abolição.

Sobre o contexto histórico-social dos contos *A escrava* e *Negrinha*, destacou-se a presença de traços explícitos e implícitos do contexto histórico e social nos contos, sendo possível estabelecer uma relação entre o contexto real em que Firmina e Lobato viveram e produziram suas obras em relação ao contexto mencionado, como datas, expressões e figuras presentes nas narrativas que representavam, de forma verossímil, aspectos da realidade. Outro ponto importante observado foi a presença de uma voz autoral nas produções, graças ao conhecimento sobre os autores e o seu meio e o aprofundamento a respeito dos contos, mais um aspecto caracterizador da perspectiva polifônica presente em *A escrava* e *Negrinha*.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa (org.). **Mulher e república no Maranhão**. São Luiz: EDUEMA, 2015.

BABIRETZKI, Giselle Campos. **HUMOR, GROTESCO E MODERNIDADE EM NARRATIVAS DE MONTEIRO LOBATO E DE MENOTTI DEL PICCHIA**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (PPGMEL-UNIR), Rondônia, p.83. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de teoria da história**, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 53.ed, São Paulo: Cultrix, 2021.

BRASIL. **Supremo Tribunal Federal**. Notícia: Negado seguimento a MS que discute questão racial em obra de Monteiro Lobato. Portal STF, 2014. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=282504&ori=1>. Acesso em: 12 dez. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2006. E-book. Disponível em: <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>. Acesso em 01 de maio, de 2024.

CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Humanitas. 2004.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**.^a ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos: **O direito à literatura**. 5^a ed. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, p. 171 a 193, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 2. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DERING, Renato de Oliveira. SILVA, Thaís Fernanda. Diálogo entre ficção e realidade: a linguagem literária como uma das representações de mundo. **Revista Anhanguera Goiânia** v.16, n. 1, jan/dez. p. 36-42, 2016.

DIOGO, Luciana. **Maria Firmina dos Reis**: vida literária. Rio de Janeiro. Malê, 2022.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria Do Texto - 1**: Prolegômenos e teoria da narrativa. 2. ed. Ática, 1995.

DUARTE, Constância Lima [et al]. **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FIORIN, José L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. Editora Contexto, 2016. E-book. ISBN 9788572449595. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788bor572449595/>. Acesso em: 31 mai. 2024.

GLOBO REPÓRTER. **100 anos de Monteiro Lobato (1982)**. Rodolfo Gamberini. 33min28s. Disponível em: <https://youtu.be/ozrWJz-btl0?si=111vnDYd5D4y8OnT>. Acesso em: 20 de dez. 2023.

GONÇALVES FILHO, Antenor Antônio. **Educação e literatura**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JÚNIOR, Silvio Nunes da Silva. SILVA, Eliane Bezerra. **A intertextualidade em negrinha, de Monteiro Lobato: Reflexões sobre a escravidão e o preconceito na narrativa**. Revista Científica da FASETE. Alagoas. 2016.1. p. 42/52. 2016.

LAJOLO, Marisa. Schwarcz, Lília Moritz. **Reinações de Monteiro Lobato: Uma Biografia**. São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2019.

LAJOLO, Marisa; BIGNOTTO, Cilza; *et al.* De papéis a documentos: Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 24, n. 46, p. 131-142, jan./ abr., 2022. doi: <https://doi.org/10.1590/2596-304x20222446mlcbetgbkclcmrstatata>.

Lajolo. 13min 36s. Disponível em: https://youtu.be/fn1mlfq7Kls?si=_C8ZbHeTv7u3Pqb0. 20 de set. 2012. Acesso em dez. de 2023.

LOBATO, Monteiro, 1882-1948, **Contos completos / Monteiro Lobato**. - 1. ed. - São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

MARTINS, Ananias. **São Luís: fundamentos do patrimônio cultural séculos XVII, XVIII e XIX**. São Luís: SANLUZ, 2005.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: das Origens ao Romantismo**. 4 ed. Vol. I. São Paulo. Cultrix, 2012.

MONTELLO, Josué. **Escritores Maranhenses 1966 - 1993**. Vol. II. São Luís. Edições SECMA, 2018.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. **Muitas Vozes**, v. 2, n. 2, p. 247-260, 2013.

NASCIMENTO, Jarbas V.; TOMAZI, Micheline M.; SODRÉ, Paulo R. **Língua, literatura e ensino**: Editora Blucher, 2015. E-book. ISBN 9788580391190. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580391190/>. Acesso em: 06 mai. 2024.

NUNES, Maria Lúcia da Silva; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Reflexões em torno da relação entre História e Literatura**. Quaestio, Sorocaba, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 793-805, 2016.

PESAVENTO. Sandra Jatahy, **História & literatura: uma velha-nova história**, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], Debates, posto online no dia 28 janeiro 2006, consultado o 07 maio 2024. URL: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>; DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560>.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Edições Câmara, 2018.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de Teoria Literária**. 6ª Edição. Revista compilada – Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

SOUZA, Cesar Augusto Neves. O texto histórico entre a ficção e a literatura. **Humanidades e Inovação** – ISSN 2358-8322 – Palmas – TO – v.9, n.03. fev de 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/about>. Acesso em 09 de maio de 2023.

SOUZA, Natália Lopes. **Uma senhora maranhense que cultiva as belas letras: maria firmina dos reis e sua trajetória na imprensa (1860 – 1911)**. Dissertação. Requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 140.p. 2020.

VARGAS, Marcia de; WAMBIER, Sandro Marlus. A história das mulheres negras no brasil: no enfrentamento da discriminação e violência. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Artigos, v. 1, 2016.

ZILBERMAN, Regina. Monteiro Lobato e suas fases. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, p. 141-152, 2019.